Constantino Ferreira

Copyright @

EMPURRANDO

ÍNDICE

INTRODUÇÃO…….. 5

I. OS COMEÇOS…… 7

II. O MINISTÉRIO…….. 17

III. A INSTRUÇÃO…….. 37

IV. A DOENÇA…… 43

V. A GRATIDÃO…… 51

VI. BENEFÍCIOS DA FÉ……. 57

VII. SALVAÇÃO E VIDA……. 63

A. O Propósito de Deus……... 63

B. O Arrependimento……..

C. A salvação

D. O Baptismo

E. A Vida Cristã

F. A Família Cristã

VIII. SER CRISTÃO…….. 97

IX. MODAS E COSTUMAS……... 101

X. DECLARAÇÃO DE FÉ…… 121

INTRODUÇÃO

Quero compartilhar com familiares e amigos um pouco das muitas experiências vividas durante os meus oitenta anos de vida, especialmente no ministério da Palavra de Deus, desde os meus trinta anos de idade, cuja ocupação completa 50 anos em 2018.

Entre as muitas ocorrências dignas de registo, optei pelas mais importantes, a fim de não avolumar a publicação e ser lida em pouco tempo.

Naturalmente, aconteceram muitas coisas boas, tendo à mistura outras más, assim como lindas rosas com espinhos, mas todas elas serviram para o aperfeiçoamento pessoal e familiar.

Desejo sobretudo que esta leitura sirva de estímulo para confiar em Deus que nos dá a vitória em quaisquer circunstâncias e continuar a empurrar.

O texto engloba os meus começos, numa aldeia do Distrito da Guarda, deslocação para Lisboa e trabalho na Capital. Faz referência à minha conversão a Cristo com experiência de salvação. Segue-se o casamento e a preparação em Instituto Bíblico para o ministério espiritual no Reino de Deus.

Durante o meu ministério, muitas ocorrências são dignas de registo, a que atribuí o título 'EMPURRANDO'. Experimentei ataques do adversário para me derrotar, mas Deus esteve sempre comigo e me ajudou a vencer.

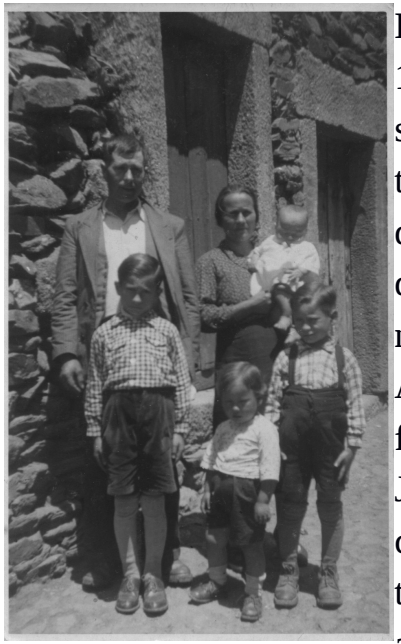
Experimentámos doenças, mas também estas foram vencidas pelo poder de Deus todo-poderoso. E descobrimos os benefícios da fé naquele que deu sua vida por nós no calvário.

Comecei a escrever após a conversão, e muito colaborei com as revistas de instrução bíblica Novas de Alegria e Avivamento. Além disso, criei o sítio na internete 'Haja Luz' a fim de partilhar a minha escrita com os leitores. Espero que estas memórias sirvam de incentivo para continuar a empurrar a vida para diante.

Constantino Ferreira

I

OS COMEÇOS



Estava decorrendo o ano 1937, e nascia na Freguesia de Vilar Torpim, Distrito da Guarda, no dia 25 de Julho, um varão a quem foi atribuído o nome de Constantino José Amado Ferreira, que era filho de Luís Ferreira e de Josefina Amado. Aí foi criado até à idade de catorze anos, onde recebeu a educação básica. Entretanto, a mãe sofreu um AVC sem recuperação e falecia aos trinta e nove anos deixando quatro filhos órfãos entregues a um pai desumano. Mas Deus sempre cuida dos órfãos.

Essa criança é o próprio autor destas memórias, actualmente com oitenta anos. Sendo o mais velho dos irmãos fiquei com meu pai; os outros três foram aceites por generosos tios que cuidaram da sua educação. Em virtude do sucedido, alguém me fez a proposta de ingressar no Seminário da Guarda, onde na ocasião estavam dois primos, e continuar ali os estudos. Entretanto, após a instrução básica tive de trabalhar em nossos serviços de lavoura até aos catorze anos. A vida era dura e difícil para um rapaz recentemente saído da escola. Muitas vezes chorei com frio e com chuva.

Visto não ter revelado muito interesse, devido a não apreciar o uso da batina, essa pessoa desistiu da ideia e propôs levar-me para Lisboa. A proposta foi aceite e no verão de 1951 encontrava-me na capital, a trabalhar como aprendiz numa mercearia existente na rua Heróis de Quionga, à rua Morais Soares. Não

usei a batina do seminário, mas tive de usar a bata de merceeiro. A minha primeira experiência na distribuição de mercearias ocorreu na própria rua da loja. A senhora a quem levei algumas coisas quis dar-me uma gorjeta, mas eu a rejeitei por causa da instrução recebida de não aceitar algo de ninguém estranho. Para meu espanto, ouvi da senhora uma expressão que jamais esquecerei: “É pobre e mal agradecido!” E foi contar ao patrão a minha façanha. Então disse para comigo mesmo: Nunca mais agirei desta forma. E daí em diante passei a receber todas as dádivas com prontidão, agrado e gratidão.

Entretanto, no decorrer dos anos, além de mercearia, trabalhei em frutaria e pastelaria. No ano 1962 trabalhava eu na pastelaria Raio de Luz, à Praça do Chile. Um abnegado colega de nome João Trindade de Oliveira, que tinha sido conquistado para Cristo por outra colega, convidou-me para assistir a um culto apoiado por jovens americanos da Mocidade para Cristo, que visitavam a Assembleia de Deus em Lisboa, cujo pastor era o prezado irmão Alfredo Rosendo Machado. E no dia dois de Junho, nessa campanha da Mocidade para Cristo, tomei a melhor decisão da minha vida ao aceitar Jesus como meu Salvador e Senhor.

Nessa ocasião recebi a oferta de um Novo Testamento e um sistema de memorização de versículos, que li e reli avidamente e serviram de base para uma nova vida. Eram coisas novas, mas deliciosas para mim. Além disso, apesar de estar separado da família física, encontrei uma nova família, espiritual, que me acolheu e apoiou nas minhas necessidades afectivas. Manifestei imediatamente o desejo de pertencer ao grupo distribuidor de literatura, e fui baptizado após dois meses e meio de fé para me iniciar naquela missão. Por conseguinte, comecei a servir o reino de Deus no verão de 1962 distribuindo literatura, e é com a mesma que continuo a servir ao Senhor, agora via internete. A juntar à distribuição de literatura, fui arrumador nas sessões de culto.

Esta função providenciou-me alguma experiência para lidar com os espíritos malignos no futuro ministério. Então, em Janeiro de 1968 entrava, com mais cinco companheiros, no recém formado Instituto Bíblico na Avenida Almirante Reis, em Lisboa. E, nota curiosa, aquele que me conduziu a Cristo entrava também na mesma escola e tem estado ao serviço do Senhor. A Deus toda a glória.

O Casamento

Aproximava-me dos 25 anos e senti a necessidade de formar uma família estável e deixar de viver em pensões. Tinha de tomar a segunda decisão importante na minha vida. Para isso, Deus enviou ao meu encontro uma jovem talentosa de mãos, que preparara antecipadamente para mim.

Nascida em Almeirim, no Distrito de Santarém, e proveniente de boas famílias, cedo ficou também órfã de mãe e pouco tempo depois perdia também o pai. Recebeu a sua educação básica no Colégio Marquesa d'Alorna, em Almeirim, onde aprendeu também a arte de bordar e foi convidada para ser ali professora de bordados. E muito tem ajudado com essa arte, por exemplo na compra de alguns veículos que usámos.

Porém, devido a ter-se convertido a Cristo teve de optar por uma das partes e escolheu a melhor. Assim, aceitou o convite para servir como baby-sitter das filhas da directora de outro colégio. Aprendeu muito no ambiente colegial.

Depois decidiu servir um casal cristão em Caldas da Rainha onde foi tratada como filha. Estava a trabalhar em casa do prezado irmão Manuel Nunes Rosa, cuja esposa adoeceu e veio a falecer em Lisboa.

A Maria José foi então morar com uma família cris-

tã cuja casa eu frequentava regularmente. Empregou-se então na Fábrica Leacock, pertencente ao grupo Johnson, na Av. 24 de Julho. Naquela casa nos encontrámos, amámos, tratámos e celebrámos o nosso casamento. Sendo mais velha na fé e com mais instrução das Escrituras, muito me ajudou no crescimento espiritual.

Então, aos três de Janeiro de 1965 celebrávamos o nosso casamento, presidido pelo Pr Alfredo Machado, na rua Neves Ferreira, em Lisboa. Em Fevereiro de 1966 recebíamos o nosso primeiro filho, por cesariana, no Hospital de Santa Maria, que recebeu o nome de Samuel Luís. Devido ao mau parto, começou então o nosso calvário de sofrimento que nos tem acompanhado durante todo o tempo. A vida da Maria José tem sido marcada pelo milagre,

testemunhado por médicos e todos aqueles que nos rodearam e acarinharam, a quem agradecemos de coração.

Em Rio Maior nasceram os outros dois filhos, ambos por cesariana. Os médicos esperavam sempre partos normais, mas eles não aconteciam. Algo se passava no seu interior que não permitia partos normais. O João Paulo foi nascer numa clínica de Caldas da Rainha por favor do senhor Dr. Ernesto Moreira, filho do saudoso Rev. Eduardo Moreira. O Filipe José foi nascer na Maternidade do Hospital de Santarém. A sua saúde ficava cada vez mais débil. Só a misericórdia de Deus nos ajudou a superar todas as dificuldades por que passámos. Além disso, contámos sempre com o auxílio de irmãos fiéis e amigos por onde quer que andá-

mos no serviço do reino de Deus.

Temos sido felizes ao lado um do outro desde Janeiro de 1965, data do nosso casamento, temos três filhos excelentes, duas magníficas noras, duas netas e um neto varão graciosos. Somos uma família unida e temente a Deus, que procura agradar-lhe nas suas acções diárias, embora nem tudo seja do Seu agrado. Mas Ele é misericordioso.

As Provações

Agora chegara o tempo de tomar a terceira decisão de suprema importância na minha vida. Após algum tempo de reflexão e oração, resolvemos de comum acordo que eu iria estudar para o Instituto Bíblico, fundado recentemente na Av. Almirante Reis, em Lisboa, e a Maria José iria para Almeirim, a sua terra natal.

Como tínhamos vendido um terreno da sua herança, serviu de fonte de sustento para ela e o filho. Assim, frequentei essa escola bíblica no ano de 1968, e, já próximo do final do curso, mãe e filho juntaram-se a mim na escola.

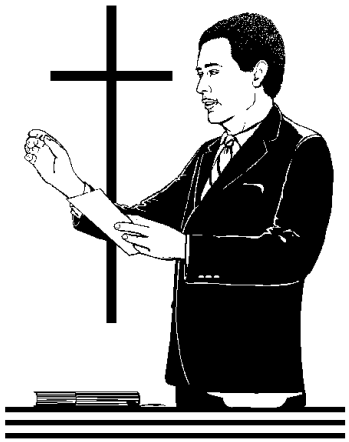
Terminados os estudos, nesse mesmo ano rumei até Rio Maior, onde servi ao Senhor durante quatro anos em colaboração com a igreja em Caldas da Rainha. Muitas foram as experiências e aprendizagem neste lugar.

II

O MINISTÉRIO

Rio Maior (1968-1972)

Guardei algumas experiências desta localidade, as quais desejo compartilhar com os leitores. Quando chegámos a Rio Maior a primeira casa que encontrámos para morar não possuía casa de banho. A nossa higiene era feita em alguidares. A água era aquecida e colocada num balde com ralo e uma torneira dependurado no tecto. Assim nos banhávamos. No quintal cimentado havia uma pia para despejos e outros serviços, onde deitávamos água com um balde. Porém, decorrido pouco tempo



encontrámos uma casa em melhores condições, onde habitámos o resto do tempo naquele lugar.

Ainda morávamos naquela primeira casa quando, inesperadamente, alguém bateu à porta cerca da meia noite. Era uma querida irmã informando que seu cunhado estava possesso por espíritos malignos e a convidar-me para ir ajudá-los. Levantei-me imediatamente e fui, levando o Senhor por companheiro. Quando cheguei à dita casa, começou ele a dizer, disseram-me: “Foram chamá-lo, deixem-no vir que eu mato-o já”. A porta estava aberta e eu entrei, mas, de súbito, ele deu um salto na minha direcção, e confesso que temi, porém sabia que Deus estava comigo. Tive de repetir várias vezes “cala-te e sai dele”, até que o rapaz me dirigiu as suas palavras: “Irmão Constantino dê-me um abraço”. Aproximei-me mais e abraçámo-nos. Glória a Deus.

Durante o inverno, em dias frios e chuvosos, tinha de visitar os irmãos nos diversos lugares onde havia culto. Como era duro suportar frio e chuva para servir ao Senhor! Certa vez, numa noite fria e chuvosa, dirigia-me para a localidade de Vale do Carro, onde havia um pequeno grupo de crentes. No caminho, já longe de casa, comecei a tremer em cima da motorizada e fui observar o que se passava.

Era um furo na roda traseira. Agora sim! A chover e com frio de gelar, como iria eu arranjar aquela roda?! Mas, claro, teve de ser. Abriguei-me debaixo duma árvore e lá consegui consertar o furo. Prossegui para o alvo, cheguei atrasado, mas estive com os irmãos, embora todo molhado, mesmo com capa. Então alegrámo-nos com a presença do Senhor.

Encontrei em Rio Maior um homem que caminhava alguns quilómetros para assistir aos cultos. Como não o via tomar a santa ceia, perguntei-lhe se tinha a certeza da salvação. Respondeu que não, que estava a fazer por isso. Esclarecido acerca desse facto, confessou a sua salvação, foi baptizado, e passou a levar a esposa com ele aos cultos.

Recordo que noutra ocasião, não tínhamos senão umas batatas e algum azeite das ofertas dos irmãos para a refeição do almoço. Para nosso espanto, chegou o nosso gato com um pacote de belos bifes na boca. Tirámo-los, foram cozinhados e comemos todos dos mesmos, o gato também. Daí para cá tenho dito que um corvo-gato me levou carne para casa. Estes foram os meus primeiros anos no ministério da Palavra. Deus nunca nos faltou com o seu socorro.

Outra experiência que guardei foi esta: Eu não tinha experiência de manobrar uma motorizada. Mas muito contente fiquei por ter recebido a oferta duma motorizada usada para poder deslocar-me no serviço do Senhor na área de Rio Maior. Certa vez, quando me dirigia para um culto, entrei na areia e caí estatelado no chão. Tive de consultar o médico devido às dores que sofria, mas não era grave. Só tive de tratar-me das dores. Noutra ocasião, enquanto subia uma montanha, fiz uma redução de velocidade muito brusca, a motorizada fez o pino e assusteime, mas lá consegui segurá-la e continuar a marcha.

Foi em Rio Maior que comprei uma máquina de escrever ao amado irmão José Bastos, a qual paguei a cem escudos mensais durante um ano, onde produzi muita literatura para as revistas Novas de Alegria e Avivamento. Foi ainda, enquanto estávamos em Rio Maior, que recebi uma nova motorizada e um belo fato de oleado protector da chuva, oferecidos pela igreja em Caldas da Rainha. Além disso, adquiri a Carta de Condução, para a qual recebi uma generosa oferta dum querido irmão em Caldas da Rainha, cuja gratidão fica registada. Deus tem sempre bênçãos para seus filhos.

Na vila de Rio Maior comecei a dedicar-me ao estudo à distância via correio. Estudei várias disciplinas do curso secundário, incluindo dactilografia, de que não cheguei a fazer exame, porque quando me ia propor ao dito exame já era tarde e desisti. Disse para mim mesmo: para que preciso daquele papel? Só quero servir a Deus. Estudei também Solfejo e Acordeão a fim de poder acompanhar os cânticos no culto. Mais tarde comecei a usar órgão nos cultos, no qual me sucedeu o meu filho João Paulo com dom especial para a música.

Águeda (1972-1975)

Então, quando rumámos para Águeda, já levávamos um carro, usado, que nos fora oferecido pela Missão. Era um Renault 4L. Mas descuidei-me na observação e muda do óleo do motor, e o veículo avariou. Tive de comprar outro semelhante, embora também usado. No final das passagens de ano era normal ir levar alguns irmãos a sua casa.

Certa vez, quando regressava desse serviço, sozinho, adormeci e deixei encostar o carro ao muro do lado esquerdo. Saí, fui para casa a pé, e deixei o veículo ali até ao dia seguinte. Então convidei uma oficina a ir buscá-lo e a consertá-lo. O sono custou caro. Desde então passei a temer andar sozinho de noite por causa do sono.

Noutra ocasião, caiu um pedaço estuque do tecto do quarto dos nossos filhos; mas felizmente que eles não estavam lá, ou teriam morrido ou ficado muito feridos. Agradecemos a Deus por tê-los protegido.

Outra experiência foi maravilhosa e instrutiva. Ha-

via um pequeno jardim com flores na frente da casa de culto. Visto que me feria a tratar das roseiras tive uma ideia pouco luminosa: Peguei numa faca e eliminei todos os espinhos daquelas roseiras e descansei à espera das novas rosas.

Para meu espanto não houve rosas. Tive de esperar pelo próximo ano e as rosas apareceram, mas com espinhos. Então, Deus deu-me uma importante lição que me pareceu ouvir: “Há! Querias rosas sem espinhos?! Isso é impossível. Quanto maior for a rosa maiores serão os seus espinhos”. Aprendi a lição e nunca mais eliminei os espinhos às roseiras, nem o farei jamais.

Enquanto estávamos em Águeda, minha mulher teve de ser internada no Hospital em Coimbra para tratamento e operação. Todavia, o médico rejeitou operá-la devido aos seus problemas internos serem perigosos. Então, durante dois anos viajávamos para Coimbra a fim de receber tratamentos oncológicos. Estes tempos foram mesmo difíceis, valendo-nos todavia algumas gentis irmãs com seus serviços e apoio cristãos. Também os meus irmãos e suas esposas nos ajudaram recebendo os nossos filhos mais crescidos em suas casas.

Deus sempre pôs no nosso caminho homens e mulheres generosos dispostos a servir os outros em nome do Senhor. Só desta maneira pudemos cumprir a missão, chegar ao final da carreira, e guardar a fé.

Covilhã (1975-1978)

Entretanto, sentimos a chamada para nos deslocarmos para a cidade da Covilhã. Mencionarei três das experiências mais importantes dali. Aproveito para registar duas com o carro. A primeira foi conduzir sobre a neve. Isto requer muita perícia, e eu não a possuía. Certa vez, ao descer a serra com a família, o veículo começou a deslizar na neve, até parecia que se despenharia, mas de repente, por acção de Deus, consegui segurá-lo e usar o motor como travão. Chegámos a casa com segurança, graças ao Senhor. Nenhum de nós partiu qualquer osso, só houve escoriações que precisavam de leves tratamentos.

Noutra ocasião, dirigia-me com um casal de irmãos para o culto em Unhais da Serra. A estrada era de calçada e estava húmida pela neblina da tarde. Ao aproximar-me duma curva afrouxei a marcha com o travão, o que se não deve fazer, e o carro não faz a dita curva, continua a sua marcha até cair num campo de milho no desnível aproximado de um metro e meio. Ao ver-me à beira do precipício, e sem poder segurar o veículo, exclamei: “É agora”.

Naquele momento pensei que seria o meu fim e dos companheiros. Embora existisse à frente uma grande árvore que podia segurar-me, era perigoso porque no embate seria desfeito o veículo e nós. Qual foi o meu espanto quando observei que tinha caído num campo de milho entre duas pequenas oliveiras. É digno de nota este facto: Não bati na grande árvore, nem caí em cima de uma oliveira! Deus operara outro milagre livrando-me da morte ou de ficar aleijado. Alguns populares acorreram para observar o sucedido e entre eles estava o dono do milho que perguntou: “Quem é que me paga este milho destruído?”

E paguei quinhentos escudos por aquele milho que certamente foi restaurado e produziu com abundância. Mas glória a Deus.

O veículo não parou de trabalhar, mas eu parti o volante com o peito, e a esposa do meu acompanhante, que viajava no banco traseiro, partiu o encosto do banco dianteiro. Os esticadores das rodas dianteiras partiram também.

Alguém me tirou o carro do milho para a estrada e regressámos a casa. Quando cheguei, minha mulher contou-me que lhe tinha sido revelado que teria um acidente para morrer. Satanás queria matar-me, já o tinha afirmado anteriormente. Mas ela sempre orava nas minhas saídas, e suplicou por nós ao Senhor que providenciou o livramento. Nenhum de nós partiu qualquer osso, só houve escoriações que precisavam de leves tratamentos.

Outra das experiências foi o facto de termos ido para a Covilhã no tempo da revolução de 25 de Abril de 1974. Muitos refugiados do Ultramar foram abrigados no edifício do antigo sanatório existente na Serra da Estrela. Então, coube-me o privilé-

gio de visitar regularmente esse lugar levando socorro e evangelização àquelas pessoas.

Levámos duas meninas para nossa casa, Marta e Judite, que tinham perdido o pai na guerra angolana. Depois procurei internar a mais velha e dois irmãos no orfanato Lar de Betânea em Estremoz para receberem educação cristã.

Cantanhede - Coimbra (1978-1983)

Da Covilhã rumámos a Cantanhede, no Distrito de Coimbra. Guardo gratas recordações desse lugar, mas mencionarei as mais importantes. Uma das melhores experiências foi a edificação duma Casa de Culto na Sanguinheira, onde trabalhei desde as fundações até ao telhado ajudando naquilo que me era possível. Uma das mais trágicas foi um frente a frente com Satanás.

Certa vez fui chamado por uma família, eram cerca das vinte e três horas, ao lugar de Pelicanos, porque alguém queria atirar-se ao poço e só com dificuldade puderam deter. E lá vou eu outra vez à luta contra Satanás. Enquanto me aproximava ouvi uma voz grave a clamar: “Chamaram-te, eu cheguei cá primeiro e vou matar-te”.

Normalmente, costumo perguntar o nome dessa pessoa para começar, e a resposta foi ouvida na mesma voz: “Eu sou Lúcifer que tu persegues, mas hei-de matar-te”. Realmente sempre tenho sido perseguido por este adversário, mas também Deus me tem concedido a vitória. Ele prometeu estar comigo todos os dias e tem sido fiel.

Claro que fiquei amedrontado com esta ameaça constante, por isso mais me agarrava ao Senhor e confiava no Seu poder para meu livramento. Em nome de Jesus todos os espíritos diabólicos saíam, e este também haveria de sair.

Depois de muito esforço e cansaço, ouviu-se, para espanto de todos, a mesma voz: “Bem, bem, deixa-me ir à festa”. Deixou a jovem senhora e deve ter ido à festa que se realizava ali perto. Depois de se levantar, perguntou ela: “O que foi isto? Porque estou aqui?” Contámos-lhe o sucedido, e facilmente acreditou na sua libertação. Só temos que glorificar

a Deus.

Portalegre (1983-1988)

Partimos então para Portalegre, cidade do norte alentejano. Ali registámos também algumas memórias, das quais mencionarei as principais. Uma delas foi quando um grande pedaço do estuque do tecto da sala de jantar caiu.

Era uma placa grande e grossa que poderia matar-nos ou ferir-nos, porém, não estávamos lá naquele momento.

Isto, e o estado degradado do edifício obrigou-nos a procurar uma casa em melhores condições, que arrendámos em nosso nome a uma organização social do estado. Anos mais tarde recebemos a proposta de compra, o que aconteceu com o dinheiro da igreja e lhe pertence.

Certa vez, na viagem para Ponte de Sôr, um porco desenfreado atravessa subitamente a estrada, mesmo à minha frente pelo lado direito, e amolga-me o guarda-lamas. Consegui segurar o veículo e continuei a viagem com segurança. Mas não consegui apanhar o porco para fazer chouriços.

Noutra ocasião, fui convidado por uma irmã, possuidora de um café em Alter do Chão, para liderar a libertação de uma empregada que revelava grande possessão demoníaca. Contaram-me que quando entrava em crise partia tudo na loja e provocava um prejuízo enorme.

Mas, como pertencia a gente pobre, a patroa tinha compaixão e não a queria despedir. Os bombeiros tinham de colocar-lhe colete de força para a transportar ao hospital, a fim de ser tratada. Estávamos num culto familiar quando ordenei a libertação e se estatelou imediatamente no chão. Então, ordenei que se levantasse e a conduzi a Cristo.

Uma sobrinha da dona do café assistia certa vez a um culto familiar. No decorrer do mesmo praticou alguns actos muito estranhos. Tirou o relógio do pulso, arregaçou as mangas de ambos os braços e começou arranhar-se com aquelas unhas grandes como algumas senhoras usam. Já próximo do final da reunião voltei-me para ela e ordenei ao espírito

imundo que saísse em nome de Jesus. Subitamente deixa cair a cabeça em cima da mesa, à volta da qual estávamos. Depois disto perguntou intrigada e mostrando os braços: “Quem me fez isto?” Imediatamente respondi: “Foste tu com as tuas unhas”. “Eu?!” interrogou ela. “Sim, mas foi o Diabo com as tuas unhas” respondi. A sessão continuou para conduzi-la a Jesus.

Évora (1988-1996)

Em Évora tive igualmente algumas provações dignas de registo. Recordo uma delas quando uma senhora assistia ao culto e, de repente, começou a estrebuchar no seu lugar. Dirigi-me para ela e ordenei ao espírito imundo que a deixasse em paz. A luta foi de tal forma renhida que a dita senhora agarrou-me pela camisa e rasgou-a enquanto, ao mesmo tempo, marcava um grande arranhão no meu corpo. Queria estrangular-me, mas Deus é mais poderoso e não permitiu que tal acontecesse. A sessão continuou para igualmente a conduzir a Jesus.

Certa vez um pai aflito procurou-me porque lhe haviam aconselhado que assim procedesse. Ele contou-me que já tinha despendido muito dinheiro na busca de socorro para a sua querida filha que sofria nas mãos de Satanás.

Ela tinha visões e ouvia vozes que lhe roubavam o sono e a tranquilidade. A primeira sessão aconteceu mesmo assentados no sofá de minha casa. Conduzi ambos a Jesus e a seguir a mãe dela. Deu muito trabalho, levou muito tempo, mas o esforço valeu a pena porque o Diabo foi vencido, e uma família foi liberta da opressão e da angústia. Eu recebi mais uma filha, espiritual claro. Hoje são uma família feliz e assistem aos cultos regularmente.

È lamentável que algumas das pessoas que experimentaram a libertação do poder de Satanás não permaneçam no caminho do Senhor; preferindo voltar às veredas antigas para servirem o mesmo senhor e dominador, e não permanecer fiéis à Palavra de Deus que as libertara. Estes existem em toda a parte. Porém, outros rejeitam o assédio constante para regressarem à vida anterior, preferindo sofrer incompreensão e maus tratos pelo nome de Cristo.

Estes serão eternamente abençoados devido à sua fidelidade ao Senhor.

Nesta cidade experimentei alguns dissabores entre muitas alegrias. O que mais me marcou pessoalmente foi o ter de ser transportado ao hospital, certa vez, devido a uma insuportável dor no peito. Estive ali algum tempo, melhorei e voltei para casa a fim de continuar a minha missão.

Apesar da constante doença de minha mulher, e das dores que suporta diariamente, Deus sempre nos concedeu a vitória em todas as provações. Por isso temos permanecido fiéis em todos os aspectos da vida. Devemos a nossa vitória à misericórdia e ao poder do Senhor. Como escreveu S. Paulo: “Não vos sobreveio nenhuma tentação senão humana; mas fiel é Deus, o qual não deixará que sejais tentados acima do que podeis resistir, antes com a tentação dará também o meio de saída para que a possais suportar” (1 Co 10:13).

Palmela (1996-2000)

De Évora rumámos para Palmela a fim de suprir uma necessidade pastoral em colaboração com a igreja no Fogueteiro sob a liderança do Pr. Lucas da Silva. Nesta localidade parecia não haver provações algumas para os servos de Deus. Aparentemente estava tudo a favor, sem dificuldades importantes para enfrentar. Mas não é bem assim; onde há rosas haverá também espinhos para ferir, embora, às vezes levemente.

Uma experiência amarga foi quando regressávamos de um culto, durante a noite. Subitamente, numa lomba, apareceu pela frente uma motorizada que me encandeou e embateu em nosso veículo sem que a tivesse visto. Ouvimos somente o estrondo da batida do capacete do condutor. Soubemos depois que estava embriagado.

Nessa ocasião disse com imensa tristeza e aflição: “Já matei alguém”. Felizmente isso não tinha acontecido porque o companheiro dele ajudou-o e, após alguns momentos, seguiram o seu caminho. O capacete foi o objecto da salvação dele e de alívio para mim. Depois lembrei-me do conselho do apóstolo

Paulo para usarmos sempre o capacete da salvação. Uma vez mais agradecemos ao Senhor pela sua protecção.

Deus é fiel e poderoso para proteger seus filhos, e tem operado maravilhas na minha vida. Sempre tem estado comigo nos bons e nos maus momentos.

III

A INSTRUÇÃO

Eu tenho sido propriamente um autodidacta que, para compensar a falta de preparação académica na juventude, enveredou pelo estudo pessoal intensivo. Ainda tentei fazer um curso nocturno, mas os horários alternados não permitiram a permanência, por isso concluí somente um ano. Então, a partir dos vinte anos dediquei-me ao estudo pelo método autodidáctico e aprendi a ler, primeiro, francês, depois inglês, ainda antes da minha conversão a Cristo. Depois adquiri um livro de português para estudantes do secundário. Estes conhecimentos me têm sido úteis para pesquisar vários comentários e obras teológicas importantes.

Após a minha conversão a Cristo, comecei a estudar a Bíblia, o Livro que é realmente uma importante Biblioteca. Qualquer estudante que anseia saber mais é inspirado a procurar e a consultar livros especializados sobre os vários temas bíblicos. Assim, quando deparava com dificuldades, comprava um livro qualificado para encontrar a resposta. Por isso, já alguém comentou que “tenho poucos, mas bons”.

Certa ocasião, ainda estava em Cantanhede, senti-me inspirado para estudar o grego bíblico. Comprei um Manual de Estudo Autodidáctico e comecei a árdua tarefa. Completei os estudos e fiz abundantes comentários para revistas, usando os conhecimentos adquiridos. A seguir, querendo esclarecer algumas dúvidas sobre o texto do Velho Testamento, enveredei pelo estudo do hebraico bíblico. Adquiri um livro autodidáctico e procedi de forma semelhante.

Após aprender a ler o hebraico, tenho esclarecido e comentado algumas dúvidas. Por exemplo, escrevi um estudo sobre “Modas e Costumes” que foi editado pelo Monte Esperança Instituto Bíblico, e aparecerá mais à frente.

Outros escritos meus têm como base estas duas línguas bíblicas. Há quatro livros editados pela Editora Pró-Luz: Eis O Homem, A Pureza da Palavra, O Reino de Deus e Medita Nestas Coisas. Existem outros não editados, mas encontram-se actualmente para edição. São eles: A Paixão do Servo (Tradução do Evangelho de Marcos com notas e Adenda), Da Manjedoura à Cruz, Descobrindo a Vocação, Grego Programado Autodidáctico, Comentários Haja Luz, Ministérios na Igreja, Propósitos de Vida Feliz, Quem é Este?, Triunfo do Amor, As Escrituras Inspiradas, o Devocional Pão da Vida, e algumas brochuras.

Estou certo, porém, que por mim mesmo nada conseguiria, mas Aquele que tudo sabe me tem ajudado e revelado pelo Seu Espírito.

Instituo Bíblico - Fanhões (2000-2007)

Apesar de não possuir qualquer grau académico, Deus providenciou que fosse convidado para leccionar no Instituto Bíblico do Monte Esperança como visitante e, ao mesmo tempo, recebia melhor preparação. Teve início no ano de 1992 quando comecei a leccionar História da Reforma. Depois leccionei outras disciplinas bíblicas, incluindo grego. Tanto aprendi quanto ajudei os alunos a aprender, pois, quem não aprende não pode ensinar.

Então, Deus ordenou ao seu servo Professor Erickson que me convidasse para frequentar o curso à distância do Seminário Teológico Ministerial, no Monte Esperança, em Fanhões. Aceitei o convite e iniciei os estudos com gosto e dedicação, que duraram quatro anos, recebendo a graduação em Junho de 1998. Foi óptimo aprender com professores especializados e conviver com estudantes interessados em servir melhor.

No início do ano 2000 quis o Senhor levar-me para o Monte Esperança, em Fanhões, e participar no corpo lectivo. Tem sido, para mim, uma valiosa ex-

periência conviver e colaborar com dedicados homens e mulheres de Deus na nobre missão de preparar obreiros para a seara do Senhor. Nesta função, tenho aprendido ainda mais a arte de estudar e ensinar.

A culminar esta etapa, quis a direcção da Escola, na pessoa do seu director Harry Osland, agraciar-me com a Licenciatura Honoris Causa na graduação de verão de 2007. Agradeço, mas glorifico ao meu Senhor que me tomou pela mão e me tem ensinado ao longo dos anos. A Ele, pois, toda a glória.

Chegou a reforma, mas de modo algum poderei ficar inactivo. Ao longo dos anos, as letras têm sido a minha ocupação, e continuarão a ser, pois o meu Senhor assim me ordena, e tenho que obedecer ao Seu propósito. Não poderei fazer outra coisa. Quando deixar de fazer isto morrerei, e quando morrer deixarei de fazer o que tenho feito.

Além disso, quero seguir o conselho do apóstolo Paulo que diz: “Portanto, quer comais quer bebais, ou façais qualquer outra coisa, fazei tudo para glória de Deus.” 1 Co 10:31.

No início do ano 2009, fui convidado pelo Director do Instituto Bíblico, Pr. Paulo Branco, para prosseguir a criação do Museu de História da Igreja em Portugal numa sala do edifício administrativo.

Ocupei-me nessa tarefa durante cinco anos. Quando já estava organizado, o meu coração falhou e tive de abandonar o serviço e consultar o médico.

Mais tarde, o médico de família enviou-me para o cardiologista, e este para a respectiva operação.

IV

A DOENÇA

A doença de Maria José começou com o nascimento do primeiro filho, Samuel, em 1966 no Hospital de Santa Maria, em Lisboa, por cesariana. No início de estar a servir em Rio Maior, nasceu o segundo filho, João Paulo, em Caldas da Rainha, igualmente por cesariana. A experiência mais amarga e difícil foi quando nasceu o nosso terceiro filho. A Maria José foi conduzida pela parteira para o Hospital de Santarém. Embora os médicos esperassem um parto normal, como anteriormente, ele não acontecia.

Os médicos foram chamados durante a noite para efectuarem a uma cesariana de emergência. Após esta ocorrência, Maria José sofria uma embolia cerebral, hoje AVC, ficando em coma profundo durante muito tempo. O seu lado esquerdo inchara de tal forma que, quando a visitei, parecia que duas pessoas estavam na mesma cama.

O médico operador informou-nos que aquele AVC era para morte, (a minha mãe sucumbira aos trinta e nove anos) mas “Deus operara um milagre como já tinha acontecido com outras da vossa igreja” disse ele. Contudo, segundo a sua experiência, ele esperava que Maria José teria de viver numa cadeira de rodas o resto da sua vida. Pois ela permaneceu naquele hospital cerca de sessenta dias com a criança a seu lado, visto eu não ter possibilidade de a ter comigo. Todavia, Deus operou o milagre, e ela recuperou do coma, embora não na saúde. As respectivas mazelas continuam a atormentá-la.

Foi nesta ocasião que começou o calvário de sofrimento para ambos. Não cessaram as visitas a hospitais e médicos. A Segurança Social gastou, e nós gastámos também segundo a nossa possibilidade. Durante todo este tempo, muito nos valeram as ofertas dos nossos queridos irmãos.

Havendo rumado até Águeda, a saúde de Maria José agravou-se e teve de ser internada no Hospital Universitário de Coimbra. Finalmente, devido a várias complicações, os médicos rejeitaram operá-la para lhe extrair o mal com que se debate. Houve até quem aconselhasse para não se deixar operar senão em Coimbra, e quando fosse velhinha, onde havia maiores recursos.

Tendo rumado até Portalegre, também ali foi internada para operação. E foi operada, mas somente para extracção da vesícula. Quanto ao restante, o especialista limitou-se a encerrar e a informar que não podia fazer mais. Disse-me pessoalmente: “Se começasse a cortar não sabia onde terminaria”. Ora isso era perigoso, e ela era ainda uma jovem que ele queria manter viva. Jamais esqueceremos o precioso auxílio daqueles queridos irmãos. A partir desta ocasião jamais foi internada, pois ela mesma receia maior sofrimento pelo facto, e segue o conselho que recebeu. Assim, tem convivido com o próprio mal, agravado nos três partos desde o primeiro em 1966.

As consultas médicas têm sido constantes, o dinheiro gasto bastante, e as amarguras muitas, mas a misericórdia de Deus, a fé e a confiança no Seu poder, têm providenciado ânimo suficiente para suportar todas as coisas. Glorificamos a Deus que nunca nos abandonou nem desamparou, esteve sempre ao nosso lado e providenciou socorro através de filhos queridos onde quer que O servimos. Agora, Maria José segue uma medicação simples para auxiliar o cérebro e a circulação sanguínea. O seu útero continua com a bexiga colada, tumores no seu interior, e o cólon causando-lhe muitas dores por estar canceroso. Tudo precisava de ser extraído, mas é impossível pelo receio de deixar de viver, e ser útil à família. Porém, Deus é maravilhoso e operou na Maria José, eliminando o câncer atormentador. Estamos gratos.

Embora a Maria José tenha duas pernas e dois braços, é como se não tivesse, pois o cérebro foi afectado e perdeu a sensibilidade em dois desses membros. Todavia, ela criou os filhos, tem realizado todo o serviço de casa, tem executado bordados para ajudar nalgumas necessidades, e actualmente são entregues para fins missionários.

Apesar de não ter sido completamente curada, a sua vida está marcada pelo milagre, e por isso agradecemos e glorificamos a Deus. Mas sabemos uma coisa importante: Quando chegar ao céu não sentirá mais dor, nem doença nem mal algum. Ali haverá perfeita saúde.

Recentemente, também eu sofri enfarte do miocárdio e tive de recorrer ao Hospital de Santa Maria, em Lisboa, onde fui submetido a cateterismo para cuidar da tensão arterial e da circulação sanguínea. Estou actualmente a seguir a medicação e sinto-me bem, graças ao Senhor.

O meu coração

No final de 2013 o meu estado cardiológico agravou-se e decidi abandonar o serviço que vinha fazendo na criação do Museu de História da Igreja. E, no início de 2014, o nosso filho, que vivia connosco, procurou uma casa mais próxima do seu trabalho. Encontrou uma em Loures, que arrendou, e nós fomos viver com ele para apoio mútuo.

Entretanto, o médico de família resolveu entregar o meu caso ao cardiologista no Hospital de Loures. Este, por sua vez, após um ano de consultas, manda fazer em Santa Maria exame por cateterismo. O resultado veio rápido, aconselhando a operação ao coração. Visto em Loures não haver ainda este serviço, teria que ser feito em Santa Maria. E, aos 28 de Setembro de 2015 entrava no Hospital para ser operado, onde permaneci cerca de duas semanas. .Recebi alta e fui para casa.

Agora, repousando em casa, comecei a sentir-me muito mal e fui levado às urgências em Santa Maria. Os exames revelaram onze patologias clínicas e fiquei logo internado em Medicina, onde estive de dois a onze de Novembro de 2015. Recebi alta e fui levado para casa novamente. A médica de medicina teve o cuidado de providenciar um Posto médico perto de Loures e uma enfermeira para cuidar de mim em casa nos primeiros tempos.

Passados dois anos, continuo em tratamento e vigilância médica com sucesso. Deus é excelente.

A minha próstata

Havia já alguns anos que vinha tratando a minha próstata, mas em Maio de 2016, o seu estado agravou-se e fui às Urgências. Nesse dia tive de ser internado no Hospital de Loures, onde estive desde dois a nove desse mês.

Mas, o meu estado não melhorou significativamente, Então, comecei a ser assistido em Urologia, até que a especialista decidiu pela operação. Esta aconteceu a 28 de Dezembro do mesmo ano e tive alta no dia 30. Correu bem e sinto-me bem. Porém, o exame do material retirado acusou adenocarcinoma e prossigo exames e tratamento ao restante. Passado algum tempo, o último exame não revelou quaisquer sinais de câncer.

Neste percurso, posso dizer que tive seis médicos a cuidar de mim: clínico familiar, cardiologista, operadores, urologista, e o grande especialista Jesus Cristo.

Os meus olhos

Há já alguns anos que necessito de óculos parqa a leitura, mas as cataratas atacaram-me os olhos, impedindo assim uma visão perfeita, e sujeitei-me a mais uma operação para extrair esse obstáculo visual. Aos 25 de Junho de 2018 serei examinado a fim de preparar a referida operação. Em tudo isto tenho sido e serei vencedor, porque Deus está comigo em todas as circunstâncias.

V

A GRATIDÃO

Finalmente, resta mencionar a gratidão a Deus e a todos os cristãos que nos têm ajudado no cumprimento do nosso ministério. Primeiramente, ao meu caro amigo Pr. João Trindade de Oliveira por me ter convidado para aceitar Cristo como meu salvador e Senhor. A um querido casal de irmãos que gentilmente custeou a nossa estadia no primeiro Instituto Bíblico. Depois, aos professores que providenciaram belos ensinamentos segundo as possibilidades da época. Então, à igreja Assembleia de Deus em Lisboa e à Missão Nacional que nos apoiaram e ofereceram o primeiro veículo que possuí e conduzi no serviço do Senhor.

Recordo a gentileza e o apoio do Pr. José Barros e sua esposa, enquanto éramos cooperadores em Rio Maior. Este querido irmão manifestou interesse em procurar o Sr. Dr. Ernesto Moreira para que a minha mulher fosse assistida por um especialista com formação cristã. Assim como agradecemos ao Sr. Doutor por ter efectuado o serviço de parto, outra cesariana, sem receber quaisquer proventos.

Lembro ainda os queridos irmãos da igreja em Caldas da Rainha, que nos apoiaram, e alguns disponibilizaram sangue para minha mulher, cujos nomes é impossível mencionar aqui.

Não deixo de mencionar os queridos irmãos de Rio Maior, sobretudo aqueles que estiveram mais próximos nós. Recordo ainda a querida irmã Arminda, que se prontificou a transportar minha mulher para o Hospital de Santarém.

A “avó” Cândida e a irmã Celeste, que nos apoiaram mais directamente, enquanto a Maria José e o bebé estavam internados e depois disso. Muito lhes devo. Só o Senhor lhes pode recompensar, e o fará conforme a Sua promessa.

Em Águeda, recordo a querida família Vidal, cujos membros estiveram muito próximos de nós e nos apoiaram notavelmente. O estado de minha mulher era tão débil que nem podia segurar a criança. Por isso, a irmã Noémia Vidal sempre nos acompanhou em nossas idas ao hospital, segurando no bebé recém nascido enquanto eu conduzia o veículo. Registo aqui também a nossa gratidão.

É justo mencionar a querida irmã Alice Santa Barbara pelo seu interesse, como enfermeira, por minha mulher durante o seu internamento em Coimbra. Ela e seu marido são um estimado casal que nos marcaram com a sua gentileza e serviço cristão. O Pr. José António Lourenço e sua digna esposa pelo maravilhoso apoio concedido em vários aspectos, muito nos valeram na ocasião. Esperamos que todos estes queridos serão recompensados agora e na eternidade.

Tivemos o grato prazer de cooperar com o prezado Pr. Miguel Cóias, em Coimbra, cuja amizade recordamos sinceramente. A humanidade, o cristianismo, e a espiritualidade do casal Cóias contribuíram para que fossem realmente nossos amigos e exemplo no ministério. Muito lhes devemos por isso. Assim como à igreja na área de Cantanhede, pelo carinho com que nos trataram.

Em Portalegre recordamos a estimada irmã Justina Durão que, quando a Maria José teve de ser internada mais uma vez, nos apoiou grandemente em visitas constantes para fazer o serviço de casa. Ela foi uma verdadeira amiga.

O referido internamento aconteceu para extracção da vesícula e observar se poderia também ser extraído o útero, afectado. Infelizmente não foi possível por correr risco de morte. Note-se que na ocasião tínhamos três filhos para cuidar e enviar à escola. Na ocasião estava connosco uma equipa do barco Doulos, cujos membros foram prontos a ajudar-nos nas necessidades do lar.

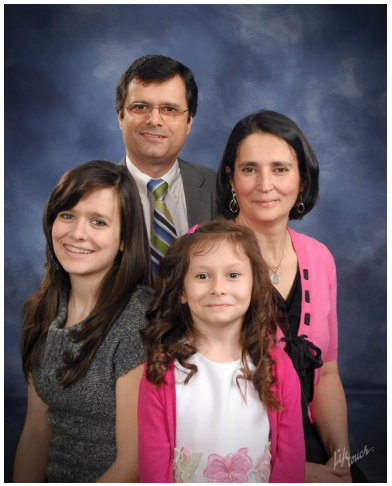
Menciono ainda a estimada irmã Margarida Cambeiro, em Évora que, vivendo ao nosso lado, nos apoiou igualmente nos momentos críticos de minha mulher. Assim como alguns vizinhos que, embora não professassem a nossa fé, sempre nos ajudaram

suprindo necessidades materiais. Tivemos neles verdadeiros amigos.

Finalmente, é justo lembrar o Pr. Lucas da Silva e sua querida esposa Leonor, que muito nos apoiaram enquanto cooperámos com eles na igreja do Fogueteiro, no Seixal. Ainda nos encontrávamos em Évora, o Pr. Lucas providenciou um veículo em condições para nos deslocarmos na nossa missão. Além disso, já editou alguns dos meus livros. A irmã Leonor sempre diligenciou para que a Maria José não usasse sempre a mesma roupa. Estes queridos irmãos têm sido verdadeiros amigos ao longo dos anos.

Oramos e rogamos a Deus que recompense a todos os mencionados agora e na eternidade, e colham de acordo com a sua sementeira. A Deus toda a glória.

FAMÍLIA FELIZ



VI

OS BENEFÍCIOS DA FÉ

A fé tem grande importância na relação entre Deus e o homem. Sem a mesma não é possível haver comunhão com o Criador, nem receber dele as suas benesses. Sem fé é impossível agradar ao Senhor e motivá-lo a concedernos as Suas bênçãos. Sem fé ninguém ouvirá a Sua voz, nem será um discípulo fiel. A fé é o elemento mais importante para alguém ser feliz.

Alguém disse que “a verdadeira fé é o meio termo entre a rapidez com que alguém precipitadamente crê e a pertinácia em não crer senão no que se pode demonstrar pela razão”. E santo Agostinho diz que “a fé é crer no que não vemos, e a recompensa desta fé consiste em ver o que cremos.” Fé é ver o que não temos para ter o que não vemos.

Muitas pessoas alegam não ter fé por não observarem factos convincentes. Na realidade não têm fé porque não escutam a Palavra de Deus. A mesma foi escrita para crermos que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que crendo tenhamos a salvação. Quem ouve e lê a mensagem da Bíblia recebe a fé suficiente para desfrutar as maravilhosas bênçãos do Céu.

Há três factores importantes para a felicidade: As Sagradas Escrituras, a Graça de Deus, e a nossa Fé.

A vida física depende de quatro factores como: alimento, energia, exercício e repouso. A vida espiritual segue a mesma norma, embora conte com outros factores importantes: O cristão vive pela fé, fortalece o espírito na fé, exercita-se na fé e serve pela fé.

Primeiro, fé implica confiança no carácter de Deus. Pelas Sagradas Escrituras sabemos que Deus é santo, justo e bom. Ele é fiel às suas promessas. Por isso, a fé confidencia com Deus sobre os problemas pessoais, por mais difíceis que pareçam. Certo centurião romano, que confiava no poder de Jesus, confidenciou-lhe a necessidade do seu servo e como reconhecia a Sua autoridade. “Jesus, ouvindo isso, admirou-se e, voltando-se para a multidão que o seguia, disse: Eu vos afirmo que nem mesmo em Israel encontrei tamanha fé.” (Lc 7:9).

Segundo, fé implica confiança na provisão de Deus. Encontramos uma ilustração exemplar no relato de Génesis 22, que apresenta a fé de Abraão na provisão de Deus: “Então disse Isaque a Abraão, seu pai: Meu pai! Respondeu Abraão: Eis-me aqui, meu filho! Perguntou-lhe Isaque: Eis o fogo e a lenha, mas onde está o cordeiro para o holocausto? Respondeu Abraão: Deus proverá para si o cordeiro para o holocausto, meu filho. E os dois iam caminhando juntos.” (Gn 22:7,8). Na hora do sacrifício Deus impediu Abraão de imolar Isaque e supriu aquela necessidade com um cordeiro preso num arbusto ao lado. Em resultado dessa provisão, Abraão chamou àquele lugar ‘Jahveh Jiré’ que significa ‘Deus proverá’.

A fé arrisca-se a coisas difíceis, assim como consta na Galeria dos Heróis da Fé no livro de Hebreus capítulo onze.

Pela fé Abraão, sendo chamado, obedeceu, saindo para um lugar que havia de receber por herança; e saiu, sem saber para onde ia.

Pela fé peregrinou na terra da promessa, como em terra alheia, habitando em tendas com Isaque e Jacó, herdeiros com ele da mesma promessa; porque esperava a cidade que tem os fundamentos, da qual o arquitecto e edificador é Deus.

Igualmente, Paulo confiava nas riquezas do seu Deus para suprir as necessidades dos crentes, como está escrito: “O meu Deus suprirá todas as vossas necessidades, segundo as suas riquezas na glória em Cristo Jesus.” (Fl 4:19).

Terceiro, a fé implica confiança no amor de Deus. E este amor é melhor definido pelo vocábulo grego ‘agape’ porque é o amor da entrega, do sacrifício

pelo outro. Isto foi demonstrado por Deus, ao entregar o Seu único Filho por nós em sacrifício para que, mediante a fé nele, possamos viver isentos de pecado e sem condenação. Como está narrado em João 3:16: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigénito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.”

E, se nos deu o Filho, como nos não daria também todas as boas coisas?! “Aquele que nem mesmo a seu próprio Filho poupou, antes o entregou por todos nós, como não nos dará também com ele todas as coisas? (Rm 8:32).

A fé persevera na esperança, à semelhança da mulher cananeia, e, por esse motivo, a sua acção foi honrada pelo Senhor: “Então respondeu Jesus, e disse-lhe: ó mulher, grande é a tua fé! seja-te feito como queres. E desde aquela hora sua filha ficou sã.” (Mt 15:28).

A fé é provada na obediência aos mandamentos de Deus e qualquer coisa que lhe pedirmos dele a receberemos, como João escreveu: “e qualquer coisa que lhe pedirmos, dele a receberemos, porque guardamos os seus mandamentos e fazemos o que é agradável à sua vista.” (1 Jo 3:22).

Quarto, a fé implica servir a Deus incondicionalmente. A fé manifesta-se no serviço feito em nome de Deus e para glória de Deus. Como diz Tiago: “Que proveito há, meus irmãos, se alguém disser que tem fé e não tiver obras?

Porventura essa fé pode salvá-lo? (Tg 2:14). E continua com uma ilustração muito prática: Se um irmão ou uma irmã estiverem nus e tiverem falta de mantimento quotidiano, e algum de vós lhes disser: Ide em paz, aquentai-vos e fartai-vos; e não lhes derdes as coisas necessárias para o corpo, que proveito há nisso? Assim também a fé, se não tiver obras é morta em si mesma.” (Tg 2.15-17).

Por conseguinte, podemos dizer que fé é confiar no carácter imutável de Deus, na sua provisão, no seu amor e servi-lo incondicionalmente, fazendo tudo em Seu nome e para sua glória, como prova da nossa fé. Isto agrada a Deus e é fonte de provisão.

.

VII
SALVAÇÃO E VIDA

Apraz-me apresentar aqui o meu primeiro texto, escrito após a minha conversão, ou recepção do Senhor Jesus como meu Salvador e Senhor. Aconteceu aos dois de Junho de 1962, num culto com a colaboração da Mocidade Para Cristo, na Assembleia de Deus na Rua Neves Ferreira, em Lisboa. O referido texto, editado na Revista Novas de Alegria em Agosto de 1964, segue incluso abaixo.

A. O Propósito de Deus

Quero, pelo nosso mensageiro da verdade, levar ao conhecimento dos estimados leitores o propósito de Deus para trazer-me ao recinto de salvação.

Tendo eu sido criado num lar católico, aprendi, como é natural, os preceitos católicos, os quais nunca observei sinceramente.

Aos sete anos de idade fiz a primeira comunhão, e mais tarde, num dia aprazado, recebi o crisma. Frequentei a catequese, aprendi muitas orações, mesmo algumas em latim. Ajudava, na falta do sacristão, o sacerdote na missa. Enquanto frequentava a escola estava sempre pronto para este serviço religioso. Saí da escola e comecei a trabalhar. Tudo acabou. Tudo esqueceu. A casa construída na areia havia sido derrubada pelos ventos e pela chuva, Mt. 7:26, 27.

Mandaram-me então para Lisboa, onde há de tudo o que o mundo oferece. Eu, que outrora gostava do serviço religioso, tornara-me um ateu, descrendo de qualquer espécie de divindade. Blasfemava de Deus. Estava perdido. Não tinha paz, não tinha alegria, andava inquieto. Buscava, por todos os meios, satisfação e paz neste mundo, mas não era possível encontrá-las, porque sem Deus não pode haver paz nos corações; os ímpios não têm paz, Is. 48:22.

Assim andei perdido vários anos, sem Deus, sem pai, sem mãe, sem família, sem lar, sozinho, entregue ao dissabor deste mundo perverso, governado pelo maior inimigo das almas, Ef. 2:2, sempre buscando a quem possa tragar, I Ped. 5:8.

Mas Deus, que é riquíssimo em misericórdia, Ef. 2:4, e, quando havia chegado o tempo determinado, Ecl. 3:1, segundo o Seu eterno propósito, levou-me para um lugar onde havia duas dedicadas servas testificando do Seu Nome. Ali, ouvi bastante acerca do Seu amor, mas como o meu entendimento estivesse entenebrecido pela dureza do meu coração, Ef. 4:18, para crer naquilo que ouvia, continuava separado de Deus. Como era triste andar sem Deus!

Passou-se um ano e fui trabalhar para outra casa, enquanto me afastava cada vez mais de Deus. Mas Deus, que tinha o Seu propósito, enviou um íntimo amigo meu, já convertido, procurar trabalho junto de mim. O patrão não o admitiu por estar próxima a sua incorporação militar. O inimigo estava à sua mão direita para se lhe opor, Zac. 3:1. Mas Deus, que nunca falha nos Seus propósitos, fez com que, mais tarde, o Seu servo fosse admitido no mesmo lugar. Aleluia! Era a vitória.

Porém, o meu amigo não me convencia com as suas palavras. Eu bem conhecia o seu passado pecaminoso. Somente quando verifiquei, por seu testemunho próprio, que ele era uma nova criatura, II Cor. 5:17, cedi ao pedido: “Vamos à casa do Senhor”. Aleluia! Eu fui e fiquei lá. Fiquei na Casa do Senhor quando me convidaram a descansar nos braços do meigo JESUS. Então, descansei e recebi paz no meu coração.

Deus achou-me e, logo me chamou Seu filho, S. João 1:12. Portanto, hoje tenho Deus, Pai, Mãe, Família e Lar celestial. Aleluia! Jamais haverá tristezas em mim, pois Jesus está sempre ao meu lado para suprir todas as minhas necessidades, Fil. 4:9. Jamais andarei perdido, pois creio n’Aquele que desceu da glória e veio a este pobre mundo para que todo aquele que n’Ele crê não se perca mas tenha a vida eterna, S. João 10:10. Após três meses de ter entrado neste Lar, o Pai me selou, também, com o selo da promessa, para nunca mais sair, que Ele dis-

se que é para todos, tantos quantos Deus nosso Senhor chamar, Actos 2:39. Aleluia! Hoje vivo feliz e nada me faltará porque o Senhor é o meu Sumo Pastor, (Salmo 23).

Prezado leitor que lês estas linhas, repara neste simples testemunho como Deus ama o pecador, e como tem propósitos para tudo. Pensa bem na tua situação e se ainda não conheces o Senhor Jesus Cristo procura encontrar-te com Ele ainda hoje, porque amanhã pode ser tarde.

B. O Arrependimento

Enquanto João pregava, preparando o caminho para o Messias, muitas pessoas respondiam ao seu apelo e pediam o baptismo. Mas ele exigia deles a manifestação de sinais de arrependimento. Então, todos perguntaram: “Que faremos?” Vamos observar as respostas de João a cada classe de pessoas.

1. “Quem tiver duas túnicas, que reparta com o que não tem, e quem tiver alimentos que faça da mesma maneira” (Lc 3.11). Aqui, notamos que o primeiro sinal de arrependimento é amor. Amar ao próximo como a nós mesmos é mandamento do Senhor. A pessoa que se arrepende sinceramente está disposta a mudar de vida para ser uma nova criatura em Cristo (2 Co 5.17). Assim como Cristo prova o seu amor por nós dando a sua vida na cruz, também nós provamos o amor aos irmãos dando a vida por eles, 1 Jo. 3.16. As obras realizadas em favor dos outros são a prova do verdadeiro arrependimento e da genuína fé (Tg 2.15–17). O arrependido não fica insensível às necessidades do próximo. Portanto, arrependimento é mais do que sentir pesar. É mudança de atitude em relação ao pecado e mudança de vida. O amor não prejudica, só edifica.

2. “Não peçais mais do que aquilo que vos está ordenado” (Lc 3.13). Notamos que o segundo sinal de arrependimento é justiça. Justiça é reconhecer os direitos dos outros e cumprir os nossos deveres. As pessoas que se arrependem deixam de prejudicar e começam a ajudar. Não usam dois pesos e duas medidas nos seus negócios porque isso é abominável ao Senhor.

Lucas relata o encontro dum funcionário público israelita com Jesus, do qual resultou o arrependimento daquele. Visto ser cobrador de impostos ao serviço de Roma, Zaqueu fazia o seu salário por percentagem. Mas, não se contentando com o estabelecido por lei sobrecarregava os contribuintes com impostos mais pesados. Durante o encontro com o Senhor foi convencido do pecado e fez confissão do seu arrependimento: “Senhor, eis que eu dou aos pobres metade dos meus bens; e se em alguma coisa tenho defraudado alguém o restituo quadruplicado” (Lc 19.8). Zaqueu reconheceu o direito dos outros e dispôs-se a cumprir os seus deveres. Perante esta atitude Jesus declarou a salvação na sua casa. A justiça não prejudica, só edifica.

3. “A ninguém trateis mal, nem defraudeis, e contentai-vos com o vosso salário (Lc 3.14). O terceiro sinal de arrependimento é paz. A paz é uma característica de vida nova com Cristo. Primeiro, experimentamos a paz interior como resultado de justificação (Rm 5.1). Logo, a pessoa arrependida procura viver em paz com todos, pois é também um sinal visível do reino de Deus (Rm 14.17,19).

Jesus, apresentando a ética do reino de Deus, ensinou o seguinte: “Eu, porém, vos digo: Amai a vossos inimigos, bendizei aos que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem, para que sejais filhos de vosso Pai que está nos céus; porque faz que o Seu sol se levante sobre maus e bons e a chuva desça sobre justos e injustos” (Mt 5.44,45).

Por conseguinte, os sinais de verdadeiro arrependimento são amor, justiça e paz. Estas características devem acompanhar o arrependimento e a fé. Sem elas ninguém pode agradar a Deus, nem provar a sua fé. Deus concedeu-nos o Espírito Santo para nos ajudar a viver desta maneira.

C. A Salvação

A salvação consta de cinco itens especialmente muito importantes. Três deles relacionam-se com a acção de Deus. Os outros dois dizem respeito à nossa atitude acerca do sacrifício de Cristo. David atribui a sua salvação ao Senhor, que é a sua rocha, fortaleza e refúgio (Sl 18:2).

Visto que o Homem transgrediu as leis do Criador teria que receber algum castigo por esse facto. Deus tinha sido muito claro ao advertir o primeiro casal para não desobedecer à Sua ordem. Pois, caso isso acontecesse perderia a vida que recebera d'Ele. Ora, aconteceu que ambos cometeram transgressão do mandamento comendo do fruto proibido. Então, perderam a comunhão com Deus e a vida espiritual e eterna.

Entraram em queda contínua até chegarem ao caos em todos os aspectos. E este caos atingiu proporções tais que o Senhor decidiu enviar um dilúvio para destruir a humanidade, salvando somente uma família de oito pessoas, com alguns animais, através duma gigantesca arca que lhes mandara construir. Com muita fé e perseverança, Noé alcançou a salvação com a sua família. Sem dúvida que isto foi expressão dum acto amoroso de Deus.

Mas Deus não queria salvar somente aquelas oito pessoas; Ele tem interesse em todos quantos criou e colocou nesta terra. Por isso prometeu a sua salvação através da semente da mulher noutra expressão amorosa registada em Génesis. E fez um convite à humanidade nestes termos: "Olhai para mim e sereis salvos, vós todos os confins da terra; porque eu sou Deus, e não há outro." (Is 45:22)

1. Amor

O apóstolo Paulo, escrevendo a Timóteo, assevera que "Deus deseja que todos os homens sejam salvos." Por este motivo, o Senhor agiu amorosamente

na preparação desta caríssima salvação e, "vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu filho, nascido de mulher, nascido sob a lei" (Gl 4:4). "Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigénito para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna." (Jo 3:16)

O Senhor não tem prazer que as suas criaturas sejam condenadas, por isso resolveu o problema transferindo a condenação para o Seu querido Filho que, oferecendo-se voluntariamente para tomar o

nosso lugar, foi morto entre dois malfeitores representando toda a humanidade. Como escreveu o autor de Hebreus: “mas agora, na consumação dos séculos, uma vez por todas se manifestou para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo.” (Hb 9:26).

2. Sacrifício

Visto que o pagamento do pecado requer sacrifício, Deus instituiu, no princípio, o sacrifício de animais sem defeito algum sobre os quais os pecadores confessavam os seus pecados que eram queimados no altar. Todos aqueles sacrifícios eram uma figura típica de nosso Senhor Jesus Cristo que havia de vir para tirar o pecado do mundo. Quando veio, foi reconhecido por João Baptista que proclamou aos seus ouvintes: “Eis o Cordeiro Deus que tira o pecado do mundo.” E João, no seu Evangelho, assegura que Jesus não veio para condenar o mundo, mas para salvá-lo.

Quando o Senhor iniciou o Seu ministério dirigiu-se à sinagoga da sua terra e aí foi convidado para fazer a leitura e leu uma profecia a Seu respeito: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porquanto me ungiu para anunciar boas novas aos pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos, e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos e para proclamar o ano aceitável do Senhor.” (Lc 4:18,19).

Então, Pedro, cheio do Espírito santo, afirma que “em nenhum outro há salvação; porque debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, por quem devamos ser salvos.” (At 4:12).

3. Graça

A graça é o acto generoso de Deus ao entregar o Seu querido Filho para ser sacrificado em nosso lugar. O justo em lugar dos injustos. O santo em vez dos pecadores. Ele podia dar a Sua vida porque tinha poder para tornar a tomá-la. Desta forma cumpriu o castigo do pecado na Sua morte e ressuscitou para nos conceder a vitória sobre a própria morte. Como escreveu o apóstolo Paulo: “Porque, se pela ofensa de um só, a morte veio a reinar por esse, muito mais os que recebem a abundância da graça, e do dom da justiça, reinarão em vida por um só, Je-

sus Cristo.” (Rm 5:17).

Graça é a oferta do perdão de Deus aos pecadores sujeitos à condenação eterna. Agora não há mais condenação para os que andam com Cristo, mas há vida abundante e eterna para desfrutar na presença de Deus. Quando a graça de Deus e a fé do pecador se encontram é operado o milagre da salvação, com escreveu S. Paulo: “Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós, é dom (presente) de Deus.” (Ef 2:8).

4. Fé

A fé é o acto de confiar plenamente na acção generosa de Deus em nosso favor. Pois, “sem fé é impossível agradar a Deus; porque é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe, e que é galardoador dos que o buscam.” (Hb 11:6). E João escreveu o seguinte: “Quem crê nele não é condenado; mas quem não crê já está condenado; porquanto não crê no nome do unigénito Filho de Deus.” (Jo 3:17).

A fé deve ser manifesta por acções adequadas como, por exemplo, o baptismo: “Quem crer e for baptizado será salvo; mas quem não crer será condenado.” (Mc 16:15). E ainda a invocação ao Senhor: “e acontecerá que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.” (At 2:21).

Certa vez, um carcereiro perguntou a Paulo e a Silas o que deveria fazer para ser salvo, e “responderam eles: Crê no Senhor Jesus e serás salvo, tu e tua casa. Então lhe pregaram a palavra de Deus e a todos os que estavam em sua casa. Tomando-os ele consigo naquela mesma hora da noite, lavou- lhes as feridas; e logo foi baptizado, ele e todos os seus.” (At 16:33).

5. Perseverança

Isto foi o próprio Senhor que o afirmou como advertência para nós: “E sereis odiados por todos por causa do meu nome, mas aquele que perseverar até ao fim, esse será salvo.” (Mt 10:22). Perseverança significa não desistir nas contrariedades, oposição, ou perseguições. É seguir em frente olhando para Cristo diariamente, Senhor experiente na perseverança.

Por isso mesmo, pôde Ele entregar-nos estes bons

conselhos a fim os seguirmos fielmente: “Pela vossa perseverança ganhareis as vossas almas.” (Lc 21:19). E continua: “Mas a que caiu em boa terra são os que, ouvindo a palavra com coração recto e bom, a retêm e dão fruto com perseverança.” (Lc 8:15). E o autor da Epístola aos Hebreus escreveu o seguinte: “Porque necessitais de perseverança para que, depois de haverdes feito a vontade de Deus, alcanceis a promessa… Portanto, nós também, que estamos rodeados de tão grande nuvem de testemunhas, deixemos todo embaraço, e o pecado que tão de perto nos rodeia, e corramos com perseverança a carreira que nos está proposta, fitando os olhos em Jesus.” (Hb 11:1,2).

D. O Baptismo

O baptismo é uma prática antiga aplicado aos neófitos. Era sinal de iniciação do indivíduo na prática religiosa e servia como símbolo de integração no grupo a que se destinava. A primeira referência bíblica ao baptismo é para nos relatar a pregação de João Baptista seguida do baptismo de arrependimento. “Naqueles dias apareceu João, o Baptista, pregando no deserto da Judeia, dizendo: Arrependei-vos porque é chegado o reino dos céus. Porque este é o anunciado pelo profeta Isaías, que diz: Voz do que clama no deserto; Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas.” (Mt 3.1–3). A partir deste referente a João, a Bíblia menciona ainda o baptismo de Jesus, e o baptismo dos apóstolos.

O baptismo de João era ministrado aos judeus que o procuravam no deserto para ouvir a sua mensagem de arrependimento. Ele declarava-lhes ousadamente o seu pecado e exigia-lhes uma conversão prática para anuir a baptizá-los. Uns confessavam os seus pecados e eram baptizados. A outros, porém, retrucava ele: “Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da ira vindoura? Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento…” (Mt 3.7,8). “Eu, na verdade, vos baptizo em água para o arrependimento; mas aquele que vem após mim é mais poderoso do que eu, que nem sou digno de levar-lhe as alparcas; ele vos baptizará em Espírito Santo e fogo.” (Mt 3.11).

O baptismo de Jesus foi efectuado neste contexto do

deserto. É digno de nota o facto de João procurar escusar-se a baptizar Jesus pelo facto de não achar nele qualquer pecado. Porém, o Senhor, ainda que sem pecado, exigiu o cumprimento da justiça fazendo-se baptizar por João, ainda que este fosse menor. Encontramos neste facto uma grande lição de humildade e submissão daquele que era o maior e sem necessidade alguma de arrependimento nem confissão de pecados. Ele o fez para servir de exemplo a todos os seus discípulos na História da humanidade. Ninguém tem o direito de sentir desnecessário o seu baptismo, visto que, além do Senhor, não há um justo sequer, porque todos estão em pecado e sob o domínio do pecado.

Depois vem o baptismo dos apóstolos, assim chamado porque eles foram incumbidos de pregar o arrependimento e baptizar aqueles que aceitassem a sua palavra na disposição de continuarem a ser instruídos na doutrina dos apóstolos, como está escrito: “Portanto indo, fazei discípulos de todas as nações, baptizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a observar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos.” (Mt 28.19,20).

Ao celebrarem a Festa do Pentecostes, os discípulos reunidos esperavam ansiosos pelo cumprimento da promessa e, de repente, o Espírito Santo encheu toda a casa e começaram a louvar a Deus em outras línguas. O facto atraiu a multidão que, admirada, acusava os discípulos de estarem embriagados com mosto. Isto obrigou Pedro a dar uma explicação detalhada do acontecimento e rematou com as seguintes palavras: “Saiba pois com certeza toda a casa de Israel que a esse mesmo Jesus, a quem vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo.” (At 2.36). Pedro acusou-os de terem humilhado Jesus, mas Deus exaltou-o soberanamente.

E, ouvindo eles isto, compungiram-se em seu coração, e perguntaram a Pedro e aos demais apóstolos: Que faremos, irmãos? Pedro então lhes respondeu: Arrependei-vos, e cada um de vós seja baptizado em nome de Jesus Cristo, para remissão de vossos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo.” (At 2.37,38). “De sorte que foram baptizados os que receberam a sua palavra, e naquele dia agregaram-se quase três mil almas e perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações.” (At 2.41,42).

O baptismo significa que o candidato já se considera como morto para o pecado, mas vivo para Deus, conforme escrito por Paulo: “Ou, porventura, ignorais que todos quantos fomos baptizados em Cristo Jesus fomos baptizados na sua morte? Fomos, pois, sepultados com ele pelo baptismo na morte, para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida.” (Rm 6.3,4). Por conseguinte, o baptismo é um marco histórico da restauração, do recomeço para uma vida nova.

E. A Vida Cristã

Dizem que a vida é bela, mas bela é a vida cristã. Não existe melhor quando é vivida à semelhança do Senhor Jesus. Como Mestre, Ele deixou-nos o melhor exemplo a fim de ser seguido dedicadamente, e até disse: “Porque eu vos dei o exemplo para que eu vos fiz façais vós também” (Jo 13.15). A vida cristã começa no relacionamento com Deus, o qual é depois comprovado pelo relacionamento com o próximo.

1. Relacionamentos

O bom relacionamento começa no amor recíproco. Quando duas pessoas se amam mutuamente aí há óptimo relacionamento, a ponto de estarem prontos a ajudar um ao outro conforme as necessidades. Acerca disto o Senhor declarou que “ninguém tem maior amor do que este, de dar alguém a sua vida pelos seus amigos.” (Jo 15:13). Este foi o Seu exemplo de amor. Depois de ter servido em sua vida, serviu na sua morte. E João assevera que se Ele assim nos amou, também devemos amar uns aos ou-

tros. (cf. 1 Jo 4.11).

O supremo exemplo encontra-se nas palavras seguintes corroboradas pela prática constante do Senhor perante os discípulos: “Mas a vós que ouvis, digo: Amai a vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam” (Lc 6:27). Isto, que Ele sempre fez, ficou gravado pelas suas fiéis testemunhas que o acompanhavam diariamente. E, a este respeito, João atesta o seguinte: “o que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos para que vós também tenhais comunhão connosco; e a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo.” (1 Jo 1:3).

O historiador Lucas informa-nos da prática corrente entre os cristãos primitivos ao dizer que “perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações.” (At 2:42). E o apóstolo Paulo entregou-nos este mandamento da parte do Senhor: “Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal, preferindo-vos em honra uns aos outros” (Rm 12:10). É este procedimento que produz bons relacionamentos.

2. Discipulado

Discipular envolve a prática de ensinar e aprender. Existe sempre alguém que ensina e alguém que aprende. O próprio vocábulo grego 'matheteo' tem este duplo significado. Eis um exemplo na prática de Jesus instruir os discípulos, e pregar para fazer mais discípulos: “Tendo acabado Jesus de dar instruções aos seus doze discípulos, partiu dali a ensinar e a pregar nas cidades da região.” (Mt 11:1). Outra área do discipulado é o discípulos seguir o seu mestre: “Então disse Jesus aos seus discípulos: Se alguém quer vir após mim negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me” (Mt 16:24).

Os primeiros discípulos foram preparados e ordenados para fazerem discípulos em todas as nações, e também a ensiná-los segundo o modelo de vida cristã: “Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, baptizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, ensinando-os a observar todas as coisas que eu vos tenho mandado” (Mt 28:19). E deixou-nos uma advertência de suprema importância, a que devemos dar crédito: “Ide, pois, e aprendei o que significa: Misericórdia quero, e não sacrifícios. Porque eu não vim chamar justos, mas peca-

dores.” (Mt 9:13).

3. Evangelismo

A própria palavra significa levar boas notícias, como foi relatado por Lucas: “O anjo, porém, lhes disse: Não temais, porquanto vos trago novas de grande alegria que o será para todo o povo.” (Lc 2:10). Embora não pareça, mas onde está ‘vos trago’ consta o verbo grego ‘euaggelizomai’ (euangue-lizomai) que significa ‘vos evangelizo’ ou, anuncio a boa notícia: “É que vos nasceu hoje, na cidade de Davi, o Salvador, que é Cristo, o Senhor.” (Lc 2:11).

Este foi igualmente o ministério constante do Senhor, pois: “percorria Jesus toda a Galileia, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino, e curando todas as doenças e enfermidades entre o povo.” (Mt 4:23). E foi também a sua suprema ordenança com vista ao alargamento do seu reino: “E este evangelho do reino será pregado no mundo inteiro, em testemunho a todas as nações, e então virá o fim.” (Mt 24:14).

4. Adoração

Nós fomos criados com o propósito de sermos adoradores e servidores do Criador. Quando estas duas acções são descuidadas não estamos em bom relacionamento com Deus. Quando Jesus estava no deserto e foi tentado respondeu peremptoriamente: “Está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás e só a ele servirás.” (Lc 4:8).

Noutra ocasião, encontrou-se com uma samaritana, e à sua curiosa indagação respondeu: “a hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque o Pai procura a tais que assim o adorem.” (Jo 4:23). E quando João se prostrou perante um anjo para adorá-lo ouviu da sua boca: “Olha, não faças tal; porque eu sou conservo teu e de teus irmãos, os profetas, e dos que guardam as palavras deste livro. Adora a Deus.” (Ap 22:9).

5. Serviço

A adoração preconiza prestação de serviço desinteressado, feito pelo mérito da pessoa servida. Jesus viveu deste modo para dar-nos o exemplo, como está escrito: “Pois também o Filho do homem não

veio para ser servido, mas para servir e para dar a sua vida em resgate de muitos.” (Mc 10:45).

A nosso respeito Ele declarou que: “Se alguém me quiser servir, siga-me; e onde eu estiver ali estará também o meu servo; se alguém me servir, o Pai o honrará.” (Jo 12:26). O Senhor advertiu a respeito do conceito errado de serviço prestado a Deus: “Expulsar-vos-ão das sinagogas; ainda mais, vem a hora em que qualquer que vos matar julgará prestar um serviço a Deus.” (Jo 16:2).

Mas ensinou que o verdadeiro serviço a Deus é cuidar dos necessitados como se fosse Ele mesmo o necessitado: “E responder-lhes-á o Rei: Em verdade vos digo que, sempre que o fizestes a um destes meus irmãos, mesmo dos mais pequeninos, a mim o fizestes.” (Mt 25:40). E Paulo aconselha-nos a fazer tudo para glória de Deus. Transcrevo a versão de ‘O Livro’ de 2 Co 9.12 por ser esclarecedor: “São assim dois os bons resultados da vossa generosidade: contribuir para satisfação das necessidades dos crentes em Jerusalém e suscitar louvores a Deus.

Conclusão

O arrependimento leva-nos, primeiro, ao bom relacionamento com Deus, depois com os outros. A seguir vem o discipulado, no qual aprendemos a ser discípulos à medida do Senhor e a cumprir a nossa missão de evangelizar, seguindo-se a adoração a Deus e serviço ao próximo como se ao Senhor fosse.

F. A Família Cristã

Génesis 2:18

“*Disse mais o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma adjutora para estar na sua presença.”*

Questão

Visto que Deus planeou o casamento entre dois seres de sexo diferente, por que razão aparecem homens e mulheres reclamando direitos legais para contrair casamento com indivíduos do mesmo sexo?

Problema legal

Segundo o artigo 1577 do Código Civil, o casamento "é o contrato celebrado entre duas pessoas de sexo diferente que pretendem constituir família mediante uma plena comunhão de vida".

Mas, o artigo 13º da Constituição diz que ninguém

pode ser privilegiado, beneficiado, prejudicado, privado de qualquer direito ou isento de qualquer dever em razão de ascendência, sexo, raça, (…), condição social ou orientação sexual". (In, CM, 1–5-07).

Está planeado alterar a Constituição. Desconhecemos, porém, qual será a sua alteração, mas sabemos que a Lei Divina é mais importante que a lei dos homens. Guiemo-nos por ela.

Contexto bíblico

Para encontrar a resposta para esta questão sigamos a pista do relato bíblico. Primeiramente, consideremos a segunda narrativa de Génesis: "Criou, pois, Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. Então Deus os abençoou e lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos; enchei a terra e sujeitai-a;" (Gn 1:27,28). Como teria sido possível, no início, multiplicarem-se se existissem só homens, ou somente mulheres? Mas eles multiplicaram-se e encheram a terra de habitantes de ambos os sexos.

Então, temos o facto de Deus ter criado ambos à sua própria imagem, semelhantes, portanto, em pensamento, inteligência e volição. Além disso, a mulher é parte do homem, e os dois completam-se perfeitamente no casamento. Por isso, O Senhor também disse: "Portanto, deixará o homem a seu pai e a sua mãe e unir-se-á à sua mulher e serão uma só carne." (Gn 2:24).

Após terem transgredido às ordens do Senhor, Adão respondeu: "A mulher que me deste por companheira deu-me da árvore, e eu comi." (Gn 3:12). O Criador não deu um homem ao primeiro homem, mas uma mulher capaz de o completar e ajudar no povoamento da terra. Dois homens não teriam possibilidade de se multiplicar e povoar a terra.

Consideremos agora o castigo que era infligido àqueles que transgrediam as normas divinas do casamento: “O homem que adulterar com a mulher de outro, sim, aquele que adulterar com a mulher do seu próximo, certamente será morto, tanto o adúltero, como a adúltera.” (Gn 20:10). E “se um homem se deitar com outro homem, como se fosse com mulher, ambos terão praticado abominação; certamente serão mortos; o seu sangue será sobre eles.” (Lv 20:13).

Para evitar a confusão dos sexos, Deus ditou a seguinte norma distintiva: “Não haverá traje de homem na mulher, e não vestirá o homem vestido de mulher, porque qualquer que faz isto é abominação ao Senhor teu Deus.” (Lv 22:5). Note-se que as vestes, naqueles tempos bíblicos, eram distinguidas pelas cores do tecido. Visto que o Senhor não tolera esta confusão a respeito de vestes, devemos admitir que, igualmente, abomine e rejeite a união de dois homens ou duas mulheres em casamento.

Observemos um exemplo, dos vários narrados na Bíblia, em que uma mulher estéril deu à luz um filho por promessa e acção divinas: “Havia um homem de Zorá, da tribo de Dã, cujo nome era Manoá; e sua mulher, sendo estéril, não lhe dera filhos.” (Jz 13:2). Porém, Deus visitou-os e concedeu-lhes um filho, a quem chamaram Sansão. Esta mulher estava em condições de gerar, porém, um homem não tem condição alguma para o efeito. Nem por milagre.

No tempo dos juízes, em Israel, uma tribo ficou privada de mulheres, e os mancebos não tinham parceiras para o casamento. Então, “Disseram, pois os anciãos da congregação: Como havemos de conseguir mulheres para os que restam, pois que foram destruídas as mulheres de Benjamim?” (Jz 21:16). Não nos parece que, à falta de mulheres, alguém tenha optado pelo homem. A solução foi encontrada doutra forma bem mais decente, procurando mulheres noutro lugar.

Até aqui temos considerado a narrativa do Antigo Testamento. Doravante, consideraremos o relato do Novo Testamento. S. Paulo é o grande instrutor neste aspecto: “mas, por causa da prostituição, tenha

cada homem sua própria mulher e cada mulher seu próprio marido. O marido cumpra à mulher os seus deveres conjugais, e do mesmo modo a mulher ao marido." (1 Co 7:2,3). Como observamos, a lei divina atribui deveres mútuos entre um homem e uma mulher. "Todavia, no Senhor, nem a mulher é independente do homem, nem o homem é independente da mulher. pois, assim como a mulher veio do homem, assim também o homem nasce da mulher, mas tudo vem de Deus." (1 Co 11:11,12). Ainda ninguém nasceu de dois homens, ou de duas mulheres, prova prática de aberração abominável a união homossexual.

O apóstolo instrui ainda os deveres sociais entre marido e mulher, não entre dois homens, deste modo: "Vós, mulheres, submetei-vos a vossos maridos, como ao Senhor; porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja, sendo ele próprio o Salvador do corpo." (Ef 5:22,23). Quem será a cabeça entre dois homens? Aquele que toma o lugar do homem? Se isso é já difícil entre sexos opostos, quanto mais entre sexos iguais? Esta é mais uma prova da grande aberração do homossexualismo.

O mesmo doutor da Igreja apresenta, na sua carta aos romanos, a sua violenta crítica acerca do homossexualismo, informando a que se deve esse desvio sexual: "pois trocaram a verdade de Deus pela mentira, e adoraram e serviram à criatura antes que ao Criador, que é bendito eternamente. Amém. Pelo que Deus os entregou a paixões infames. Porque até as suas mulheres mudaram o uso natural no que é contrário à natureza; de modo semelhante, também os varões, deixando o uso natural da mulher, se inflamaram em sua sensualidade uns para como os outros, varão com varão, cometendo torpeza e recebendo em si mesmos a devida recompensa do seu erro. E assim, como eles rejeitaram o conhecimento de Deus, Deus, por sua vez, os entregou a um sentimento depravado, para fazerem coisas que não convêm… os quais, conhecendo bem o decreto de Deus, que declara dignos de morte os que tais coisas praticam, não somente as fazem, mas também aprovam os que as praticam." (Rm 1:25–28,32)

Como instrução final, consideremos o que foi escri-

to aos hebreus do primeiro século: “Honrado seja entre todos o matrimónio e o leito sem mácula; pois aos devassos e adúlteros, Deus os julgará.” (Hb 13:4).

Conclusão

A prática normal do casamento, segundo a lei divina, é um homem e uma mulher separados de seus pais para viverem unidos e continuarem a povoar a terra. A aberração e pecado do homossexualismo entrou no mundo por causa do pecado e do afastamento de Deus. Por este motivo, os factores de semelhança entre homem e Deus foram anulados. O pensamento do homem difere bastante do de Deus, assim como a inteligência. Quanto à vontade, diremos que Deus tem um alvo e o homem procura outro bem diferente.

Por isso, o Senhor os abandona aos seus instintos pecaminosos até completarem a medida do merecido castigo. Como escreveu João: “Mas, quanto aos medrosos, e aos incrédulos, e aos abomináveis, e aos homicidas, e aos adúlteros, e aos feiticeiros, e aos idólatras, e a todos os mentirosos, a sua parte será no lago ardente de fogo e enxofre, que é a segunda morte.” (Ap 21:8). “E não entrará nela (na Nova Jerusalém) coisa alguma impura, nem o que pratica abominação ou mentira; mas somente os que estão inscritos no livro da vida do Cordeiro.” (Ap 21.27).

VIII

SER CRISTÃO

Há uma grande diferença entre ser cristão e ser evangélico. O título 'evangélico' deixou de fazer sentido porque já nada tem a ver com as Boas Novas de Jesus e dos apóstolos. Os modernos grupos religiosos, rotulados 'evangélicos', na sua avidez desenfreada por crescimento, deixaram de se preocupar com a pureza do evangelho, e passaram a usar toda a espécie de ardis e promessas para cativar os incautos. Estão mais concentrados no espectáculo sem espiritualidade, que no amor a Deus e ao próximo. Muitas de suas interpretações aparecem fora do contexto, adulterando assim o verdadeiro sentido da Palavra de Deus. Alguns deixaram de merecer o título de cristãos porque desprezam o amor, a humildade, afinal, o exemplo de Jesus.

Quanto a mim, desejo continuar a ser cristão com perfil marcado pela Palavra de Deus. Estou decidido a examinar tudo quanto ouvir ou ler para saber se está conforme as Sagradas Escrituras. O culto, mesmo sem ser igual, é semelhante ao dos cristãos primitivos? O amor a Deus e ao próximo é parecido ao dos primeiros tempos do cristianismo? A comunhão, ou ajuda mútua, é da mesma natureza à dos tempos apostólicos? Quero ter esses cristãos como exemplo, e não me estribar em modernices isentas de cristianismo prático. Quero permanecer fiel à Palavra de Deus, sem forçar nem torcer o seu real sentido para obter dividendos pessoais. Não embarco em promessas de prosperidade, senão aquela prevista na Palavra de Deus em recompensa da fé, como está escrito: "Seja a vossa vida isenta de ganância, contentando-vos com o que tendes; porque ele mesmo disse: Não te deixarei, nem te desampararei." (Hb 13:5).

Prefiro ser cristão à maneira bíblica, histórica e prática. Desejo pertencer ao grupo dos que foram com-

prados pelo sangue do Cordeiro de Deus e vivem de acordo com a Palavra de Deus. Prefiro servir a Deus, fazendo o que Jesus faria, e não fazer a vontade de algum iluminado, tornando-me escravo das suas ideias e seus ideais. Quero ser eu próprio, sem deixar de pensar e decidir por mim mesmo à luz das Escrituras Sagradas. Quero continuar a poder confessar que: "Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne, vivo-a na fé no filho de Deus, o qual me amou, e se entregou a si mesmo por mim." (Gl 2:20).

Afinal, quero continuar e irradiar o aroma de Cristo para que todos O conheçam como Salvador e Senhor. E este é o Seu aroma: "Nisto conhecemos o amor: que Cristo deu a sua vida por nós; e nós devemos dar a vida pelos irmãos." (1 Jo 3:16). Quero viver e servir sob o lema do amor, e não através do medo e do terror, proclamado por alguns, que mais parece terrorismo evangélico. Quero ser apenas um cristão no meio de tantos outros, que procura servir a Deus com os dons recebidos, fazendo o que Jesus faria no meu lugar. Um cristão enviado pelo Senhor pode mesmo ser incompreendido e rejeitado, como os profetas no passado, mas jamais o será por Aquele que o comprou por elevado preço. Ele prometeu que não rejeitaria ninguém: "Todo o que o Pai me dá virá a mim; e o que vem a mim de maneira nenhuma o lançarei fora." (Jo 6:37).

Além disso, Jesus disse: "Quem vos ouve, a mim me ouve; e quem vos rejeita, a mim me rejeita; e quem me rejeita, rejeita aquele que me enviou." (Lc 10:16). E continuando: "Quem me rejeita e não recebe as minhas palavras, já tem quem o julgue; a palavra que tenho pregado, essa o julgará no último dia." (Jo 12:48). Concluindo, quero continuar a seguir e servir o meu Senhor e Mestre Jesus, porque é isso que me dá o direito a usar o título de 'cristão'. Ser cristão é uma honra, mas somente recebe galardão enquanto o serviço e a glória for para Deus. Amém.

IX

MODAS E COSTUMES

INTRODUÇÃO

O vocábulo "moda' é definido da seguinte maneira pelo dicionário: uso passageiro que rege, de acordo com o gosto do momento, a maneira de viver, de vestir, etc. Acerca do "costume" lê-se: maneira de agir, de vestir, etc., própria de um povo, de uma época ou de uma condição social. O homem, durante a sua história milenar, já teve muitos costumes que deram lugar a outros e estão constantemente em mutação. Nem seria de esperar outra coisa visto que, à semelhança de Deus, o homem é também criativo.

Esta qualidade impele-o à procura de coisas novas provocando, deste modo, as mutações e a civilização diversificada de acordo com as regiões e grupos étnicos. Propomo-nos estudar algo sobre alguns costumes bíblicos que se relacionam com o nosso tempo.

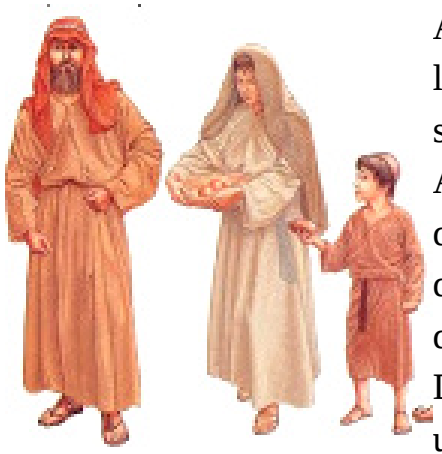
Como introdução, vamos ao encontro de Adão e Eva e observaremos alguns costumes que actualmente já não possuímos. Deus havia-os criado perfeitos e alegrou-se por isso. Porém, após a desobediência criaram a primeira moda em relação ao vestuário. Aventais de folhas de figueira foram as rudimentares roupas do homem que logo trocou por peles de animais mais próprias e agasalhadoras (Gn 3:7,21). Quanto aos cabelos, devemos ter em conta que não havendo utensílios para cortá-los, tanto os do homem como os da mulher cresceriam o máximo, até mesmo a barba masculina.

Tinham também o costume de se abrigar em cavernas disputando esses lugares com os animais selvagens até que resolveram construir a sua palhota rudimentar que resultou na nossa casa confortável. O seu hábito alimentar era o fruto do campo que lhes

proporcionava uma longevidade maravilhosa (Gn 5:5). Acerca do casamento devemos notar que cedo começou a poligamia (Gn 4:19) e embora não fosse esse o plano de Deus, os hebreus adoptaram-no. E que dizer do costume das mulheres oferecerem suas servas a seus maridos como Sara e Raquel fizeram? (Gn 16:3; 30:3). Somente podemos dizer que vivemos num mundo em constante mutação.

A. AS VESTES

1. Generalidades



As vestes eram semelhantes para ambos os sexos entre os hebreus. Ambos usavam vestidos e túnicas, embora de cores diferentes para distinguir os sexos. Em Deuteronómio 22:5 há uma advertência quanto ao uso de roupas entre os israelitas: "A mulher não usará roupa de homem, nem o homem veste peculiar à mulher; porque qualquer que faz tais coisas é abominável ao Senhor teu Deus".

O termo hebraico que aqui aparece para roupa ou veste ׂ "simlâh" que se encontra também em Gn 9:23 para a capa com que os filhos de Noé o cobriram e em Dt 22.17 para mencionar a roupa com que a moça se cobriu e serviria de prova da sua virgindade. O que aqui se diz na realidade é que não usará o homem a capa da mulher nem esta a do homem. Ou literalmente: "Não haverá objectos masculinos sobre uma mulher, não vestirá o homem manto feminino…" A diferença no tecido e nas cores deve ter sido notável para que não houvesse engano provável. Ainda que fossem semelhantes as vestes não serviam para ambos os sexos. Cremos que se pode seguir a mesma regra em todos os tempos.

Verificamos neste costume bíblico alguma instrução para os homens de hoje usarem vestidos? Da mesma forma não vemos nele algum impedimento para a modificação das vestes femininas desde que se distingam das masculinas. E quantas modificações

têm sofrido as nossas roupas na história do vestuário? Se assim não fora andaríamos ainda de pano enrolado ao tronco à espera da última moda, ou até mesmo com as peles como o homem primitivo.

Jesus não falou da maneira de vestir a quem quer que fosse. Há, porém, uma referência a roupas quando Ele aconselha a que não haja inquietação pelo que havemos de vestir (Mt 6:31), mas isto é uma chamada de atenção para a abundância do Seu Reino. S. Paulo aconselha as mulheres cristãs a trajar com modéstia e decência (I Tm 2:9). A ênfase é dada ao conjunto da apresentação da mulher que, embora com bom gosto, não deve fazer-se notar pelos vestidos luxuosos ou pelas joias que ostenta, mas sim por obras de justiça.

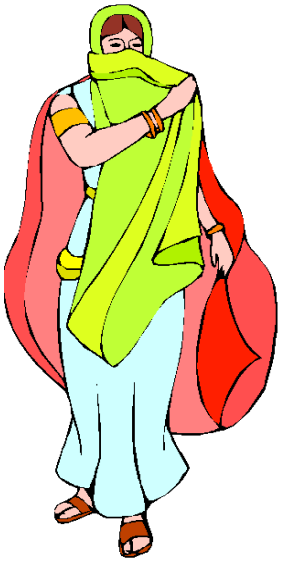
O mesmo conselho lhes dá o apóstolo Pedro (1 Pd 3:3). Em ambas as referências não há a proibição ao adorno, visto que a ênfase, no contexto, vai para o comportamento moral da mulher. Claro que se alguém se apresenta na congregação extravagantemente adornado será um insulto aos mais pobres.

2. Os Véus

Os véus que as mulheres hebreias usavam exigem que nos debrucemos um pouco sobre eles. Numa concordância hebraica encontramos três véus nomedos por termos diferentes:

a) “Mitpahath” é o manto que a viúva Rute usou para carregar seis medidas de cevada (Rt 3:15). Era semelhante à toga romana que cobria a cabeça e grande parte do corpo.

b) “Tsaiyph” foi usado pela donzela Rebeca quando se encontrou com Isaque e ainda pela viúva Tamar para enganar seu sogro fazendo-se passar por prostituta (Gn 24:65 e 38:14,19). Este véu cobria-lhe o rosto e de tal forma que Judá não a reconheceu.



c) “Radiyd” era um véu de grandes dimensões, de tecido fino, usado pelas senhoras, e encontra-se mencionado em Ct 5:7 e Is 3:23. Na Arménia as mulheres solteiras cobriam somente o queixo, as casadas metade das suas faces, e isto, na

sua maioria, como um sinal de sujeição. Supõe-se ser este o véu mencionado por S. Paulo aos coríntios em virtude de sua grafia e som serem bastante semelhantes ao verbo “ter domínio sobre”.

Levantar o véu a uma virgem tomava-se um grande insulto, enquanto tirar o véu a uma mulher casada era uma das maiores indignidades que se podia receber. E, realmente, as palavras do apóstolo em I Co 11 revelam este sentido. Devemos ter em conta que Corinto era uma cidade grega, com outros costumes, onde existia o culto da prostituição sagrada à deusa Afrodite, que era visitada por muitos marinheiros em busca de satisfação sexual. Uma mulher tinha de ir ali pelo menos uma vez na vida prestar culto, havendo ainda as "sacerdotisas" nesse serviço perverso.

Entre os gregos somente as prostitutas, tão numerosas em Corinto, saíam desveladas pelas ruas; as escravas usavam a cabeça rapada, o que era também a punição por adultério (Is 7.20). Os gregos, homens e mulheres, permaneciam descobertos na oração pública, e este costume Paulo recomenda aos homens. Quanto às mulheres, diz que orar ou profetizar sem véu era a mesma vergonha como se estivesse rapada (v. 5). Por que motivo este incidente aconteceu não se sabe ao certo.

É muito provável que se tenham convertido algumas gregas que, segundo os seus costumes, frequentavam as reuniões cristãs, o que levantou polémica entre as mulheres hebreias. Também é possível que algumas mulheres cristãs tentassem pôr em prática o costume grego de orarem descobertas. Notamos que existe aqui um choque de costumes diferentes. Sempre, que alguém tentou mudar costumes houve um choque social.

Um caso semelhante, mas ao inverso, o encontramos em At 16:20,21 que diz: “Estes homens sendo judeus, perturbam a nossa cidade propagando costumes que não podemos receber nem praticar porque somos romanos”.

A respeito do problema de Corinto o que observamos à luz dos originais é o seguinte: Paulo defende o uso do tradicional véu hebreu para não ofender as mulheres judias que não queriam identificar-se com

as prostitutas do templo. O verdadeiro sentido das suas palavras é este: “se alguma mulher não quer ocultar-se com o véu, então deve tosquiar-se. Mas se é vergonhoso tosquiar-se ou rapar-se, então deve cobrir-se (cf. v. 6). Nas expressões referentes a “cortar o cabelo” são usados dois vocábulos: “keirastho” e “xurasthai”. O primeiro tem um sentido vasto de cortar o cabelo, tosquiar as ovelhas, podar, etc. O segundo significa barbear-se.

Portanto, se a mulher não se oculta, tosquie-se. Concernente à cabeça descoberta ou coberta observemos as expressões originais: No v. 5 observamos a expressão “akatakaluptoi tei kephalei”, literalmente “com a cabeça descoberta”. No v. 6 estão as formas verbais “katakaluptetai” cobrir-se, e “katakaluptestho” o qual está no presente imperativo médio, ordenando: cubra-se, oculte-se. Estes verbos são compostos com a raiz do substantivo “kaluma” (véu) e a preposição “kata” (para baixo) sendo, portanto, um véu da cabeça para baixo que oculta a mulher.

Nos versos 13-15 lemos literalmente: “Julgai entre vós mesmos: é próprio a mulher orar a Deus descoberta? Ou não vos ensina a mesma natureza que se o homem tem cabeleira é desonra para ele? Mas se a mulher tem cabeleira é glória para ela, pois a cabeleira em lugar de mantilha lhe foi dada”.

Primeiro, o apóstolo parece dar a escolher. Ou usa o véu, ou corta o cabelo. No final diz que o cabelo está no lugar do véu, parecendo haver contradição. Mas, com isto, Paulo está defendendo a cabeleira e o uso do véu ao mesmo tempo. E está tentando convencer as crentes coríntias que, conforme o costume e a natureza da mulher, é mais próprio e belo o cabelo crescido. E, de facto, achamos mais bela uma mulher com cabeleira do que à “Joãozinho”.

Porém, nas palavras bíblicas nada encontramos que interdite cortar os cabelos e usá-los como entender, desde que seja a bom gosto e mantenha o aspecto feminino. O problema reside entre o verso 6 e o 15: aquele que diz que deve usar véu, este diz que o cabelo está em lugar do véu.

A dificuldade está em que nós só possuímos um vocábulo para exprimir véu e os hebreus vários, e com

o sentido de mantilha, como observamos. No original, a raiz das palavras nos versos 5 e 6 é "kaluma" véu, enquanto no v. 15 diz que a cabeleira lhe foi dada em lugar de “peribolaiou”.

Este era um véu fino, enquanto aquele era mais espesso e servia de mantilha para cobrir a face. Embora a mulher coríntia tivesse um véu permanente em sua cabeça, era aconselhada a cobrir-se com uma mantilha para não ser confundida com as adoradoras de Afrodite. Porém, hoje não existe este problema e não vemos necessidade que a mulher cristã use qualquer véu para adorar.

O apóstolo resolve a situação com o v. 16: “Porém, se alguém intenta ser contencioso, nós não temos tal costume nem as igrejas de Deus”. Reparemos bem

na construção da frase e verificaremos que o costume que eles não tinham era “contender”, pois o adjectivo ‘tal’ refere-se à contenda. Isto é, não haja contenda sobre os costumes dos povos.

3. Os Adornos

O adorno das mulheres tem de igual modo a advertência dos apóstolos Paulo e Pedro:

"Do mesmo modo, que as mulheres, em traje decente, se ataviem com modéstia e bom senso, não com cabeleira frisada e com ouro, ou pérolas, ou vestuário dispendioso, porém, com boas obras” (1 Tm 2:9)

“Não seja o adorno das esposas o que é exterior, como frisado de cabelos, adereços de ouro, aparato de vestuário; seja, porém, o homem interior incorruptível com um espírito manso e tranquilo, que é de grande valor diante de Deus”. (I Pd 3:3,4)

Ao atentarmos na leitura, descobre-se que os escritores enfatizam a ideia de que a mulher cristã deve tornar-se notória pela nova vida, testemunhada nas boas obras. Note-se que “do mesmo modo” refere-se ao modo da oração em público, mencionada anteriormente, e ambos se dirigem às esposas, pois usam o vocábulo “gynaicas”. Naturalmente, não deverão ser excluídas desta advertência pelo motivo que adiante se dirá. Quando os apóstolos mencionam os cabelos frisados, ouro e pérolas, referem-se a tranças ornamentadas com ouro e pérolas à volta da cabeça.

A palavra traduzida frisados é “emplokes” ou “plegmasin”, ambas derivadas de “pleko” que significa tecer, entrelaçar ou entrançar. É este mesmo verbo que aparece nos evangelhos para mencionar a coroa de espinhos que teceram para o Senhor. A expressão de S. Pedro “adereços de ouro” vem de “peritheseos xrysion” que literalmente significa pôr ouro em redor.

Ora, as mulheres orientais faziam tranças do seu cabelo (lembremos as sete tranças de Sansão) e ornamentavam-nas com ouro e pérolas à volta da cabeça. Punham ainda uma redezinha a segurá-la, e usavam jóias nos dedos, nos braços e nos artelhos. Confira-se com Isaías 3:16-24.

Parece que estes adornos eram uma cópia dos usados pela deusa babilónica Istar e, portanto, símbolo de paganismo. É este exagero pagão que os apóstolos aconselhavam a evitar para que as cristãs se não identificassem com as mulheres pagãs e prostitutas do templo.

De modo algum eles desaconselham o arranjo decente da mulher cristã. Ambos usam termos derivados de “kosmos” que, além de significar mundo, tem o sentido de ordem, bem arranjado. Senão, vejamos como a ordem da criação tem beleza. O que se dá é maior ênfase à beleza interior de santidade, mansidão e submissão ao marido.

E, o apóstolo Pedro refere-se ao bom testemunho para conquistar os maridos descrentes para Cristo. A sua expressão “pois foi assim também que a si mesmas se ataviaram outrora as santas mulheres” não significa que elas não possuíam joias, e a prová-lo temos a oferta de Isaque a Rebeca (Gn 24:22,53). É mister que haja decência e ordem, e então haverá maior beleza.

B. OS COSTUMES

Falando de modas e costumes não omitiremos as barbas masculinas e a gravata. Não seria, naqueles tempos, honroso ao homem possuir barbas? (cf. II Sm 10:4,5). Contudo, nós cortamo-la por exigência da moda. É certo que não há nada no N.T. que nos oriente sobre o assunto, e, por esse motivo, cada qual usa conforme o seu gosto.

Quanto à gravata não será esta um luxo desnecessário e por vezes incómodo, exigido pela moda? Falemos um bocadinho da sua história. No século XVII, muitos croatas serviram a França como mercenários. Eles usavam uns lenços de vários formatos ao pescoço que ganharam a simpatia dos franceses e começaram também a usá-los, dando-lhes o nome de “cravate”, de croata. A partir daí, espalhou-se pela Europa e outros continentes, e teve a sua evolução até chegar à gravata actual. Afinal, andamos todos na moda!

Quanto à recepção dos hóspedes, os hebreus tinham um costume muito característico. Quando alguém chegava, era saudado com um beijo, era trazida uma bacia com água e uma toalha para lavar os pés e, ao mesmo tempo, era derramado óleo perfumado sobre a cabeça (Cf. Lv 7:44-46). Jesus repreendeu Simão porque não praticara tal acto em sinal de amizade e hospitalidade. A respeito do lava-pés encontramos essa prática em Gn 24:32, quando Labão recebeu o servo de Abraão.

O apóstolo João menciona no seu evangelho (cp. 13) que Jesus lavou os pés aos seus discípulos e ordenou que fizessem o mesmo uns aos outros. E Paulo recomenda que só devem ser inscritas na beneficência as viúvas que tenham lavado os pés aos santos (1 Tm 5:10), o que prova ter sido o costume entre os cristãos primitivos.

Sabendo que os caminhos eram poeirentos e o calçado simples sandálias, havia necessidade de providenciar esta higiene e, além disso, refrescar e revigorar os pés cansados da caminhada. Jesus, ao praticar este acto dá-nos uma lição de humildade e amizade. Sendo Senhor, curva-se perante os discípulos e serve-os como escravo. Ao mesmo tempo, prova-lhes a Sua amizade pela maneira como os serve, praticando o gesto de um bom hospedeiro.

Hoje não sentimos mais a necessidade de lavar os pés uns aos outros, mas podemos encontrar outras maneiras de manifestar a nossa humildade e amizade servindo-nos uns aos outros de acordo com as

necessidades da época, sobretudo sendo bons hospitaleiros.

Em referência ao beijo da saudação teremos a dizer que este era um sinal de afeição, amizade, reverência e submissão. O beijo poderia ser dado na boca, na face ou na mão, conforme a intenção. Reverência e submissão seriam manifestadas pelo beijo na mão, enquanto a amizade era declarada pelo beijo na face. Esta prática e recomendada aos cristãos, conforme se lê em: (Rm 16:16; 1 Co 16:20; II Co 13:12; I Ts 5:26; I Pe 5:14).

Em todas as suas passagens, Paulo ordena que se saúdem com o beijo santo, e Pedro manda que se saúdem com o beijo do amor. Crê-se que por causa dos abusos, homens beijavam homens e mulheres beijavam mulheres. Hoje, no ocidente as mulheres saúdam-se com o tradicional beijo, enquanto os homens apertam a mão, sendo esta a prática entre os cristãos. O que importa é que se manifeste verdadeira fraternidade e amizade.

Quanto à prática da oração, observamos pela Bíblia que naqueles tempos levantavam os olhos e as mãos para o Céu. Jesus, tomando os cinco pães e os dois peixes, levantou os olhos ao Céu e abençoou-os (M t 14.19). O apóstolo Paulo aconselha os homens a orar levantando mãos santas (I Tm 2:8). Todavia, a ênfase está na isenção da ira e da contenda e não nas mãos levantadas. O que importa é orar e ser ouvido por Deus.

CONCLUSÃO

Concluindo, com estes apontamentos procuramos chamar a atenção para a realidade de que muitos costumes são próprios de um povo e de uma época, sujeitos a mudanças de acordo com o desenvolvimento da cultura e da condição social, não havendo, por isso, motivo para se imporem a outros povos e de outras condições. Os próprios povos bíblicos abandonaram muitas práticas ancestrais, inserindo-se no contexto social contemporâneo. É mister, portanto, extrair o ensino espiritual e moral da mensagem bíblica e não ficar escravo da letra.

BIBLIOGRAFIA

Bíblia Vida Nova

Old Testament Word Studies

Novo Testamento Grego

Word Pictures in the New Testament

O Novo Dicionário da Bíblia

Dicionário de Provérbios e Ditos curiosos

X

DECLARAÇÃO DE FÉ

Eu creio

... na Bíblia e na sua autoridade como única, infalível e inspirada Palavra de Deus, como regra de fé e prática da vida cristã.

... num só Deus, como Espírito pessoal, perfeitamente bom e existente em três pessoas distintas: Pai, Filho e Espírito Santo.

... na divindade do Senhor Jesus Cristo, a segunda pessoa da Trindade, na Sua encarnação mediante o nascimento virginal, na Sua vida absolutamente isenta de pecado, nos Seus milagres, na Sua paixão e morte expiatória e vicária como único meio de salvação para o pecador, na Sua ressurreição corpórea, na Sua ascensão à dextra de Deus Pai, como único Sumo sacerdote sobre a Sua Igreja.

... que o único meio para o homem alcançar a salvação e a remissão dos pecados é através de arrependimento e fé no precioso sangue de Jesus.

... que a regeneração pelo Espírito Santo, a terceira pessoa da Trindade, é absolutamente essencial e o único meio do indivíduo se tornar filho de Deus e herdeiro, conforme a promessa.

... que a obra redentora consumada por nosso Senhor Jesus Cristo sobre a cruz, além da salvação da alma, providencia cura para toda a enfermidade física, em resposta à oração da fé.

... na bem-aventurada esperança do arrebatamento da verdadeira Igreja de Cristo e na Sua próxima vinda para a consumação deste evento.

... na vinda pessoal de Cristo à terra, após o arrebatamento da Igreja, a fim de estabelecer o Milénio e reinar em justiça e paz.

... no verdadeiro baptismo por imersão, realizado

em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, como testemunho da identificação do salvo com Cristo na Sua morte, sepultamento e ressurreição para uma vida nova.

... no baptismo do Espírito Santo, segundo Actos 2.4, com o sinal confirmativo de falar línguas estranhas, que é dado aos crentes que o buscam.

... nos dons espirituais e respectivos ministérios concedidos por Cristo à Igreja para sua edificação e sucesso do Reino de Deus neste mundo.

... no poder santificador do Espírito Santo, através do qual o crente é capacitado para viver uma vida santa.

... na ressurreição dos salvos e dos perdidos, uns para a vida eterna e outros para condenação eterna.

Quando ouvirem que o Constantino Ferreira morreu, não acreditem.

---

www.editoraviseu.com.br/pt/autores/ Letra C

Toda a Escritura é Inspirada por Deus e

CONTINUEMOS A EMPURRAR